



BLOGUEIRAS

NEGRAS

registrando mulheres negras

organização

Charô Nunes

Larissa Santiago

Viviane Gomes

anos



BLOGUEIRAS
NEGRAS

registrando mulheres negras

organização

Charô Nunes

Larissa Santiago

Viviane Gomes

anos

Realização



Apoio

 **HEINRICH BÖLL STIFTUNG**
21 ANOS no **BRASIL**



Blogueiras Negras

9 anos registrando mulheres negras

Organizadoras

**Charô Nunes
Larissa Santiago
Viviane Gomes**

Uma publicação de Blogueiras Negras

Sobre o projeto: Esta é a primeira publicação impressa de **Blogueiras Negras**, compilando 9 textos mais lidos e mais relevantes politicamente para a história do coletivo. Tem como objetivo comemorar essa os 9 anos de BN, assim como rearticular a comunidade de autoras aproximando-as e despertando o desejo da escrita em **Blogueiras Negras** fortalecendo a escrita de mulheres negras na internet.

Coordenação: Charô Nunes, Ilka Guedes, Larissa Santiago e Viviane Gomes

Edição: Charô Nunes, Larissa Santiago e Viviane Gomes

Articulação: Larissa Santiago

Projeto gráfico: Charô Nunes

Diagramação: Viviane Gomes

Equipe Blogueiras Negras: Charô Nunes, Ilka Guedes, Jéssica Ipólito, Larissa Santiago, Nise Santos, Viviane Gomes, Yaomim Sampaio, Dayvson Bruno e Wellington Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

9 anos registrando mulheres negras / organização
Charô Nunes, Larissa Santiago, Viviane Gomes.
-- 1. ed. -- Rio de Janeiro, RJ : Ed. das Autoras,
2021.

Várias autoras.
ISBN 978-65-00-37013-3

1. Blogueiras Negras - História 2. Blogs
(Internet) 3. Mulheres negras na literatura
4. Resistência I. Nunes, Charô. II. Santiago,
Larissa. III. Gomes, Viviane.

21-96034

CDD-361.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Blogueiras Negras : Movimento social : Aspectos
socioculturais : Bem-estar social 361.2

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



NÃO-DERIVADA
Você não pode
alterar, transformar
ou criar outra obra
com base nesta.



ATRIBUIÇÃO
Você deve
dar crédito às
autoras na forma
especificada.



DISTRIBUIÇÃO
Você é livre para
copiar e redistribuir
o material em
qualquer meio ou
formato.



NÃO-COMERCIAL
Você não pode usar
esse material para
fins comerciais.

Blog: blogueirasnegras.org

E-mail: blogueirasnegras@gmail.com

Twitter: [@blognegras](https://twitter.com/blognegras)

Facebook e Instagram: [@blogueirasnegras](https://www.facebook.com/blogueirasnegras)

Prefácio Larissa Santiago e Viviane Gomes	09
Tirem suas mãos dos nossos símbolos de luta Eliane Oliveira	11
Por quais mulheres o feminismo radical luta? Gabriela Pires	15
Como se sente uma mulher negra e gorda demonizada pela sociedade Anônima	20
O dia em que descobriram que Beyonce é negra e capitalista Katucha Bento	25
Festa estranha com gente esquisita: espaços seguros, racismo e desapropriação cultural Larissa Santiago	32
Esse roubo que não para ou sobre nosso pacto de existir e não morrer envenenadas pelo projeto colonial Gabriela Monteiro	44

#21DiasDeAtivismo: Não queremos virar semente Yane Mendes	53
Ori é o nome da história Blogueiras Negras	58
O presidente é branco Juliana Sankofa	72
Posfácio Charô Nunes	76
Os textos no nosso blog	78

Oya Messan a mulher mãe dos nove filhos

Larissa Santiago e Viviane Gomes¹

Oya Messan - a mulher mãe dos nove filhos. Oya nos escolheu e escolhemos seu nome para estampar a nossa primeira publicação em nove anos de existência de *Blogueiras Negras*. E quantas voltas que o mundo dá! As escolhas que fazemos, diante de um limite de produção gráfica para não deixar ninguém pra trás, se traduzem num grande esforço para materializar a subida de uma que puxa a outra.

Trazemos nove textos integrais escritos um em cada ano e junto deles, nove outros textos com trechos selecionados. São narrativas que trazem a crônica de como o movimento de mulheres negras estava aproveitando a internet em cada momento. Textos que são retrato de um tempo, escritos pelas mãos de mulheres atentas aos seus territórios, contextos e lutas.

Defensoras e defensores de direitos humanos estão verdadeiramente exaustos diante do contexto em que o Brasil está vivendo. No entanto, não há como se apequenar e declinar esse desafio. Não. É dezembro de 2021 e o Brasil começa efetivamente a entrar em campanha eleitoral. Agora é hora de se agigantar. De preparar nossos corpos, nossas mentes e nossas almas para o que virá. É hora de tirar aqueles últimos 5% de energia para dar um gás no final e chegar primeiro. Para BN, esse livro é isso, é o esforço final dentro deste ano.

Onde houver espaço, é preciso dizer às mulheres negras brasileiras que o presidente possui um plano de destruição para nós. Onde houver um espaço, é preciso conclamar os ventos dessa poderosa orixá, Oyá, para afastar de nós quem queira nos prejudicar. Onde houver um terreiro que haja pelo menos um ebó, para impedir o presidente de continuar seu mandato.

¹ Larissa é baiana, feminista negra, publicitária e militante. Viviane Gomes é jornalista e pesquisadora do Pontão de Cultura Digital da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Grupo de Pesquisa em Políticas e Economia Política da Informação e da Comunicação (PEIC/UFRJ).

As autoras que aqui estão lutaram e lutam com todas as armas que possuem. Dividimos a publicação em categorias que nomeamos com muito cuidado e coerência: iniciamos declarando que A Branquitude está Nua, com dois textos emblemáticos do ano de 2013.

Como boas feministas negras que somos, destacamos uma parte para a Crítica Interseccional que aliados à secção Um padrão de Negritude trazem o perfil inovador e desafiador de Blogueiras Negras. Com intenção de discutir representatividade, apresentamos dois textos incríveis na secção Pensando a Atuação das Visíveis Negras.

Na categoria Intelectualidades duas mulheres apresentam suas visões categóricas em produções tão geniais quanto reflexivas; Criamos também a secção Epistemologias com duas das intelectuais mais proeminentes de 2018, teóricas e militantes. Sobre ação política e atuação em suas comunidades, destacamos a categoria Antirracismo - importante pauta do movimento de mulheres negras.

Os textos de 2020 falam da atuação das mulheres e suas participações nas esferas públicas e por isso a categoria ficou denominada Política. Por fim, a secção Lugares Marcados fecha a nossa publicação com as autoras discutindo a branquitude como peça importante do racismo.

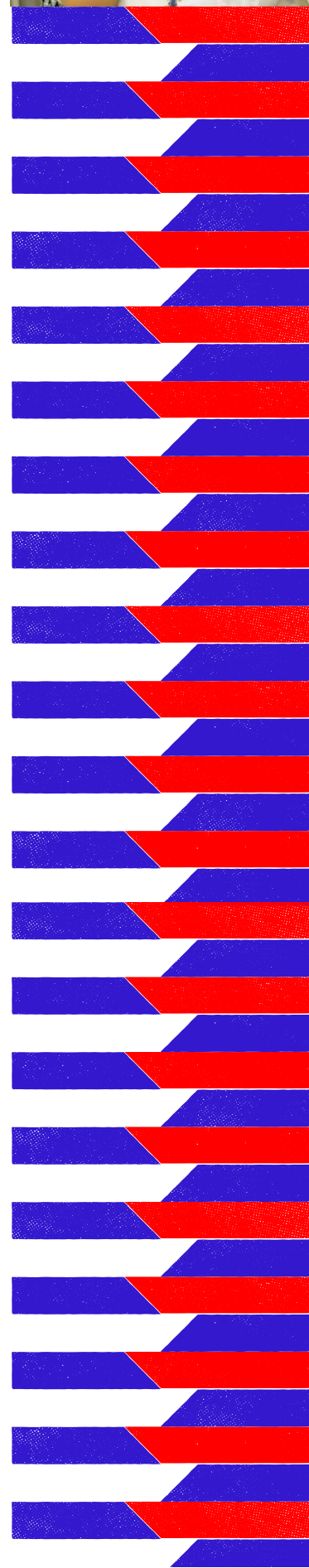
Oyá Messan celebra a produção intelectual, a atuação política e a articulação das mulheres negras que até então não haviam sido publicadas. Que os ventos bons da senhora do entardecer nos tragam mais nove anos de ação política e justiça

Epa Hey!

eliane oliveira

**Tirem suas mãos dos nossos
símbolos de luta**

Eliane Oliveira é mãe solo, socióloga e professora com graduação e mestrado em Ciências Sociais, pesquisadora de gênero, raça e políticas públicas pelo NEIAB/UEM e Conselheira municipal para promoção da igualdade racial. Compõe a Rede Nacional de Ciberativistas Negras. Criadora e administradora do projeto Preta e Acadêmica.



“Quando pegas em um ato ou uma fala racista, as pessoas dizem que foram mal interpretadas e que não esperavam tal repercussão, pois até então se sentiam seguras, escondidas atrás de sua branquitude.”

A branquitude está nua
Ana Maria Gonçalves²

Esses dias li na internet uma nota dizendo que o jogador Neymar não se considera negro, tudo bem até aí, pois entendo que identidade é algo construído a partir também de nossas vivências, como diz o poeta Sergio Vaz “nascer negro é consequência. Ser é consciência”. A partir dos comentários na matéria citada, falando do cabelo do jogador em questão e a respeito da nossa “mistura brasileira”, e de alguns outros textos lidos que versavam sobre nosso cabelo crespo, encaracolados, cacheados, de preto, enfim as várias falas referentes a esse que é um símbolo da negritude mundial, comecei a pensar em como tentam nos tirar tudo.

É fácil observar nas movimentações sociais da atualidade alguns componentes portando, com toda pomba, um cabelo black todo armado, mesmo a pessoa sendo branca como leite, ainda vemos com certa frequência o punho cerrado para cima em alusão ao gesto símbolo dos Panteras Negras na luta contra o racismo norte-americano e que ficou mundialmente conhecido graças aos atletas Tommie Smith e John Carlos, ouro e bronze nos 200 metros rasos nas Olimpíadas de 1968, que reproduziram o gesto no pódio em protesto contra a segregação dos negros nos EUA.

O que fico me perguntando é se essas pessoas tem noção do que estes “elementos” significam de fato para a luta do povo negro. Ok, o leitor pode me dizer, “é uma questão de identificação com a causa”, entendo que, realmente, a força que estes símbolos ganharam, de resistência e contestação atingiu um nível esplêndido, porem ninguém se “torna negro” sem vivenciar as lutas desse povo de alguma

2 Escritora. Sua produção literária se caracteriza pelo caráter intimista, quase autobiográfico, das narrativas e resulta de densas pesquisas sobre as heranças africanas deixadas no Brasil. Tais estudos e as obras que deles decorrem fazem da autora uma voz contra-hegemônica no campo da literatura nacional. (Fonte: Plataforma Ancestralidades)

forma e tão pouco sem conhecer as literaturas que tratam do movimento negro. Além disso, os usos que se faz destes elementos símbolos são os mais diversos, temos Black Power em movimentos que estão longe de discutir e defender as reivindicações dos negros.

Como feminista, cientista social e pesquisadora que sou, observar é meu lugar comum, minha ferramenta de trabalho. Tenho cá minhas considerações em relação a movimentos que não conseguem agregar um grupo maior de pessoas simplesmente porque não dimensionam as diferentes mazelas que afligem uma

população devido a sua cor ou etnia. Dessa forma, me causa certo incomodo ao ver pessoas ostentando os grandes símbolos da resistência negra apenas como forma de se legitimar dentro de um grupo político. Ou, pior ainda, para dizer que é contra a institucionalização de um padrão estético.

apropriação cultural

Ao me deparar com debates a cerca do alisamento dos nossos cabelos, não questiono quem o faz, pois ter cabelo afro só é problema para quem ainda não internalizou a beleza e a força que ele representa. O que mais me incomoda é ver pessoas fazendo uso dos elementos da nossa identidade étnica como fizeram com vários elementos da cultura negra, desvirtuando seus significados e se apoderando de algo que não lhes é legítimo. Dessa forma, a capoeira que era luta virou dança, lemanjá virou estatua branca na maioria das praias brasileiras, a feijoada já conseguiu as mais diversas versões (light e até vegetariana), acarajé virou bolinho de Jesus e os turbantes se tornaram mais uma peça entre os vários acessórios da moda.

Fruto do nosso sincretismo, da nossa mistura, o brasileiro é um povo mestiço? O discurso é sempre o mesmo, bonito na teoria, pois passa a ideia de igualdade, de aceitação. A meu ver não é tão simples assim, acredito que essas “adaptações” servem muito mais para que a elite branca se aproprie da parte que melhor lhe cabe da cultura negra, ou seja, branquear lemanjá a torna mais aceitável aos olhos dos brancos cristão que frequentam as praias nas férias. Posso parecer radical, mas não sou fundamentalista, todos tem a liberdade de fazer usos daquilo que lhes agrada. Para mim, ver uma negra loura e lisa é tão natural quanto ver uma branca usando Black, desde que ela não acredite que, ao fazer a

escolha por este elemento étnico, esteja absorvendo todas as representações que eles traduzem, pois se referem a um povo e suas particularidades.

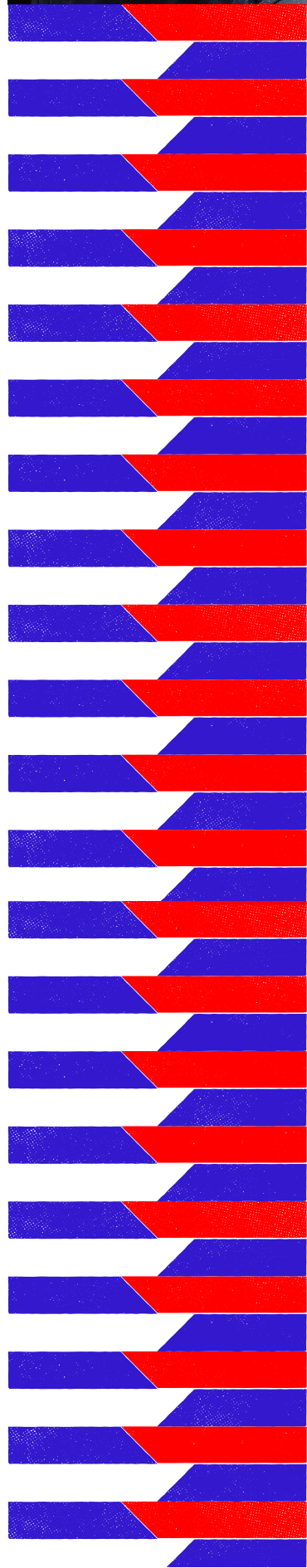
Dessa forma, alisar o cabelo não transforma ninguém em branco, bem como, usar Black Power não faz de ninguém um negro. Não basta ostentar uma “casa de cupim” na cabeça, achando que incorporou a atitude simbolizada nele, esta se constrói na prática consciente e ações que beneficiem uma população excluída dos mais diversos espaços. A força está na pessoa, à atitude esta nas suas práticas, usar os símbolos históricos da resistência negra não é um modismo, não precisamos de uma falsa representatividade, de uma pretensa identificação com a causa.

Tentam nos tirar tudo a todo o momento, ate nossa identidade histórica, seriam as velhas práticas advindas da época do tráfico negreiro que ainda povoa nossa sociedade?! Acredito que a harmonia ditada pela tal democracia racial só existe para aqueles que gostam de repetir frases feitas!

gabriela pires

Por quais mulheres o feminismo radical luta?

Gabriela Pires trabalha com Design Visual e Ilustração. É cria de família parte paraibana, parte mineira e tenta usar sua história familiar como bagagem para sua vida e trabalho. Nasceu e cresceu em São Paulo e carrega a identificação com esta cidade que reflete com precisão a complexidade, o caos e a multiplicidade em ser pessoa (negra) no mundo.



“Acusar alguém de “se tornar capitão do mato” é algo muito mais complexo do que formular uma frase. É impossível que sejamos algozes de nós mesmos, isso é falácia. Retire sua fala e reflita sobre o que significa nosso boicote e crítica que têm como alvo um modelo e um sistema historicamente racistas, em que nem o direito de falar, contar nossas próprias histórias e tecer críticas nós temos. Repito: isso não é uma caçada ao povo negro nem à mulher preta e pobre. É sobre o racismo enrustidamente manifesto, sem nem se sentir ou admitir.”

Ah branco, dá um tempo: carta aberta ao senhor Miguel Falabella
Blogueiras Negras³

Estou me arriscando ao escrever este texto. Estou me arriscando a ser bastante criticada, ser atacada, silenciada e acusada de falta de sororidade, como vi acontecer com muitas das minhas companheiras de militância. Mas vou abusar um pouco do meu “privilégio” de ser desconhecida no meio feminista. Vou sair um pouco da minha zona de conforto e me atrever a falar. Por mais que “eu não seja ninguém na fila do pão”, acho que já cheguei num estado de urgência com minha própria consciência.

Sou feminista e, de todas as correntes, milito com base no feminismo interseccional. Para mim, como mulher negra, a interseccionalidade não é uma alternativa à minha militância, e sim a mais próxima e melhor maneira de exercer um feminismo que gosto de chamar de universal. Quando penso no conceito de universal, penso em algo que dialogue com todo tipo de indivíduo, respeitando suas particularidades e vivências. Diferentemente do conceito de inclusivo, que adapta o já posto às minorias, tratando-as, por vezes, como um bloco de características únicas.

É preciso entender que incluir não é algo ruim, é extremamente necessário quando se está em um ambiente que traz desvantagens aos grupos marginalizados. Mas entre escolher um feminismo que apenas me inclui dentro de um molde hegemônico e um feminismo que se propõe a abranger e priorizar a luta contra diferentes maneiras de opressão, eu fico com o segundo. Pensar em interseccionalidade é pensar que mesmo eu como mulher negra, por ser de pele mais clara,

3 Blogueiras Negras é um perfil coletivo composto pelas coordendoras anuais de BN.

classe-média e universitária (mesmo que cotista), tenho privilégios sobre mulheres negras de pele escura, pobres e não alfabetizadas por exemplo.

Já digo de antemão que não ignoro as mulheres negras que militam com base em outras correntes, sobretudo a do feminismo radical. Apesar de ter sérias críticas à teoria radical e mais ainda à sua prática, minha sororidade serve a todas às mulheres que dela precisarem. Ouso dizer que uma das maneiras de se exercer a sororidade é exatamente criticando nossas companheiras. Críticas e divergências enriquecem debates e quando feitas de maneira saudável nos trazem maior empatia e, conseqüentemente, crescimento dentro da militância. Nos dão base para construirmos melhores soluções de apoio e emponderamento a diferentes mulheres.

Infelizmente, ultimamente estamos presenciando ações cada vez mais violentas por parte de feministas radicais. Minha intenção inicial era criticar ações de algumas militantes radicais, porque acreditava que a ação de alguns membros não falava por um movimento como um todo. Além disso, acreditava não ter conhecimento suficiente na teoria radical para me atrever a criticá-la. Lendo mais sobre a corrente, encontrei o seguinte trecho extraído de um texto escrito por feministas radicais:

“A teoria Feminista Radical [...] é impossível de desenvolver na ausência de prática, porque nossa teoria é aquela prática e nossa prática é nossa teoria”.

Sendo assim, acredito ser impossível me abster de criticar a teoria radical, já que critico quem age em seu nome. Não quero dizer que a teoria como um todo deve ser criticada, ela luta por mulheres e isso por si só é bastante bem vindo. O problema começa quando nos indagamos: por quais mulheres o feminismo radical luta? Quais mulheres merecem a tão proclamada sororidade?

“O intento revolucionário do feminismo radical é expresso primeira e principalmente em seu centramento na mulher: as experiências e interesses das mulheres estão no centro de nossa teoria e prática. É a única teoria por e para mulheres” (ROWLAND; KLEIN, p. 2, 1997).

Já presenciei casos de silenciamento, embranquecimento, perseguição e tokenização de mulheres negras e periféricas por feministas radicais (alguns de feministas radicais negras). Já presenciei violências contra pessoas trans* como deslegitimação de gênero, exposição de nomes de registro e criação de páginas na internet com o único intuito de perseguir pessoas trans*. Já li confissões or-

gulhosas de violência contra uma mulher trans* e negra numa discussão que participei certa vez.

“Eu acredito que o sexismo é a raiz da opressão, aquela que, até e a não ser que extirpemos, continuará a se estender nos ramos do racismo, do ódio de classe, etarismo, competição, desastre ecológico e exploração econômica” (MORGAN apud ROWLAND; KLEIN, p.2, 1997).

O feminismo radical defende que a raiz de todas as de opressões é o patriarcado. Enquanto isso mães negras presenciam os assassinatos de seus filhos homens negros todos os dias (por serem negros, não por serem homens). Enquanto mães negras heterossexuais têm que sair para trabalhar com seus filhos ainda pequenos para complementar a renda de casa, já que seus maridos ganham menos que mulheres brancas.

Feminismo radical defende a lesbianismo político, enquanto mulheres negras de todas as orientações sexuais sofrem de solidão por não serem boas o suficiente para namorar.

Feminismo radical não considera a sua luta uma luta de pessoas trans*, enquanto mulheres trans* e negras sofrem com a exploração sexual, com a patologização de seus corpos e mentes, com a transmisoginia.

Feministas radicais celebram sua condição de “fêmea” enquanto mulheres negras foram escravizadas, exploradas e violentadas exatamente por serem tratadas como animais.

A teoria radical defende que “o pessoal é político” e que a luta coletiva deve ser priorizada. E assim me indago novamente: por quais mulheres o feminismo radical luta? Quais mulheres fazem parte deste coletivo? Ou para o feminismo radical são mulheres apenas aqueles indivíduos que ele elege como tal?

Por último gostaria de deixar um, sempre citado mas muito pertinente para essa discussão, trecho de um texto de Audre Lorde e que sintetiza meu posicionamento:

“Eu não posso me dar ao luxo de lutar contra uma forma de opressão apenas. Não posso me permitir acreditar que ser livre de intolerância é um direito de um grupo particular. E eu não posso tomar a liberdade de escolher entre as frentes nas quais devo batalhar contra essas forças de discriminação, onde quer que elas apareçam para me destruir. E quando elas aparecem para me destruir, não demor-

ará muito a aparecerem para destruir você.”

Referências:

KLEIN, Robyn; ROWLAND, Renate. Feminismo Radical: História, Política, Ação. Disponível em: <<https://materialfeminista.milharal.org/files/2013/07/Feminismo-Radical-História-Política-Ação-Robyn-Rowland-e-Renate-Klein-parte.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2014.

LORDE, Audre. Não existe hierarquia de opressão. Disponível em: <<http://questoesplurais.tumblr.com/post/44254320873/nao-existe-hierarquia-de-opressao>>. Acesso em: 18 jul. 2014.

MCKINSTRY, Shavon L.. Raça é uma questão feminista. Disponível em: <<http://questoesplurais.tumblr.com/post/44826631717/raca-e-uma-questao-feminista>>. Acesso em: 18 jul. 2014.



anônima

**Como se sente uma mulher negra
e gorda demonizada pela
sociedade**

A autora anônima somos todas nós. Ela
sou eu e também é você quando precisa
preservar sua identidade.

“O colorismo funciona como um sistema de favores, no qual a branquitude permite a presença de sujeitos negros com identificação maior de traços físicos mais próximos do europeu, mas não os eleva ao mesmo patamar dos brancos, ela tolera esses “intrusos”, nos quais ela pode reconhecer-se em parte, e em cujo ato de imitar ela pode também reconhecer o domínio do seu ideal de humano no outro.”

Colorismo, o que é e como funciona?

Aline Djokic⁴

TW (Aviso de gatilho): Gordofobia;

Era só pra ser mais um sábado de sol, daqueles em que fico o dia todo escrevendo, assistindo séries ou lendo. Mas resolvi ir a um evento próximo ao centro do Rio de Janeiro. E o que era pra ser um almoço vegano, se estendeu e virou uma happy night.

Encontrei alguns amigos, lanchamos, compramos coisas na feira de artesanato e resolvemos continuar a confraternização na casa de uma dessas pessoas, que morava praticamente na esquina do evento. Mas antes, claro, um bom vinho pra quem bebe. Fomos a uma loja especializada, a uns seis quarteirões dali. Voltamos com várias garrafas. No caminho, passando por uma das principais avenidas da cidade, um babaca (provavelmente de classe média, considerando o modelo do carro) põe a cabeça pra fora do veículo e grita bem alto: satanáááás! Ele e os amigos começam a rir dentro do carro. Meus amigos e eu achamos isso patético e infantil, obviamente, e comentamos algo como: “nossa, que panaca. Ele gritou satanáás, que medo!” (ironia). Eles fingiram muito bem que não tinham entendido o porquê do xingamento, e a quem ele era direcionado. Bons amigos fazem isso.

Estendemos o programa até as nove da noite, mas pra mim ele acabou ali. Não por causa daquele idiota simplesmente, mas por conta de todas as

4 Aline Djokic nasceu em Presidente Prudente, interior de SP. Estudou Letras na Unesp de Assis e é mestra em Língua e Literatura Portuguesa pela Universidade de Hamburgo, cidade no norte da Alemanha, onde vive há vinte anos. É graduanda em Biblioteconomia pela Universidade de Ciências Aplicadas de Hamburgo e autora do livro “Mitomaníaca” pela editora Jaguatirica.

ofensas que recebo. Por estar cansada de sofrer abusos verbais.

Não havia dúvida de que o satanás ali era eu. As demais pessoas presentes eram bonitas, do jeitinho que o padrão branco e magro impõe. Até havia outra mulher acima do peso no grupo, mas ela não era negra. A preta, gorda, com cabelo crespo e curto pro alto, horrorosa e com cara de demônio não poderia ser outra pessoa. Aquela que é hostilizada diariamente pela família, que recebe conselhos não solicitados sobre o seu peso, cor e cabelo até de estranhos, que é alvo de risadas no transporte público e que já foi agredida fisicamente na rua simplesmente por existir, é esta que vos fala.

Sempre tentei compensar a falta de atributos desejáveis de outras formas. Usei por muito tempo uma máscara de inteligente e esforçada. Me escondia atrás dos livros. Estudei de forma insana na faculdade e para diversos concursos. Estudava até altas horas da madrugada, ininterruptamente. Desobedecia meus pais quando eles mandavam eu ir dormir. Na falta de abajur, ia pro quarto e lia centenas de páginas apenas com a luz do Nokia lanterninha que tinha na época. Tive problemas de visão por causa disso. E como tudo que é feito “à força” não funciona, não consegui ser nomeada em nenhum cargo público durante os mais de dez anos de estudo, e não tive sorte na iniciativa privada. Parei de estudar feito louca quando tive uma crise de nervos e estafa em sala de aula, depois de ir pro cursinho durante uma semana com gastrite.

Tudo o que fiz pra ser aceita (ou pelo menos tolerada) deu errado: não consegui um emprego rentável, não sou bem sucedida. Muitas vezes penso que estou carregando uma maldição. Porque todos os dias são extremamente difíceis.

Adoeço todos os meses. Sinto dor todos os dias, desde o momento em que me levanto da cama até a hora de dormir. Minha família me considera menos que um zero à esquerda. Não sou convidada pra casamentos, natal, ano novo. Às vezes esquecem que existo. Às vezes agradeço por isso.

A maneira que encontrei pra fugir desta opressão que me persegue há mais de 20 anos é ficar cada vez dentro da bolha de proteção que eu mesma criei. Não sei se é saudável, se isso trará consequências a médio e longo prazo, mas (in)felizmente é o subterfúgio que tenho no momento.

Quem me conhece intimamente sabe que gasto uma parcela considerável do meu salário com táxis. Já me basta a rotina difícil e penosa de segunda a sexta. Moro próximo ao centro da cidade, e para lazer, em qualquer lugar que eu vá, eu recorro ao transporte particular. Economizo nas saídas, faço uma compra mensal super enxuta pra poder reservar uma parte do meu dinheiro pra ter sossego. Evito ao máximo ficar na rua “dando bobeira”. Em ponto de ônibus, em ruas movimentadas, em qualquer lugar. Sou um prato cheio para a humilhação.

Saio de casa para fazer coisas específicas e evito fazer hora (quanto mais tempo eu estiver exposta, pior). Se vou ao cinema no shopping, chego na hora da sessão, assisto e depois vou correndo pra casa. Quero voltar o mais rápido possível. Ao menos lá, estou protegida e cercada de pessoas maravilhosas que não me discriminam.

Se já xinguei e mandei à merda? Muitas vezes, e é ainda pior. Tenho medo de retrucar e receber um soco, uma facada, um tiro. De ser linchada na rua. Tenho vergonha das situações pelas quais passo. Vergonha de mim, ódio de quem pratica. Eu demonizo o preconceito com todas as minhas forças.

Minha autoestima é péssima, não me relaciono fisicamente com ninguém há mais de um ano, tenho poucas pessoas no meu círculo social e a tendência é diminuir cada vez mais, ao menor sinal de rejeição. Desenvolvi depressão, síndrome do pânico e sinto que emburreci. Demoro demasiadamente pra aprender coisas novas no trabalho e noto que já perceberam isso. Não me surpreenderei se a qualquer momento receber um aviso de demissão.

Produzo mal no trabalho e quase sempre minha cabeça está longe dali. Nem os nove anos de terapia resolveram. Tenho 30 anos e sinto como se dentro de mim morasse uma velhinha de 90, que a única coisa que espera da vida é a passagem dos dias.

Não tenho forças pra correr atrás dos meus sonhos e melhorar de vida. Frequentemente escuto que é só uma questão de esforço. Mas quem perdeu a graça pela vida, já cogitou o suicídio e dorme pra fugir da vida não consegue mover uma palha, quem dirá um grande projeto.

Não vou compartilhar esse texto ns redes sociais e em nenhum outro

lugar da internet. Não quero que mais pessoas saibam da miséria que vivo todos os dias.

Essa sociedade hipócrita e execrável conseguiu transformar a maior das micareteiras na pior das antissociais. E na mais desesperançosa das pessoas.

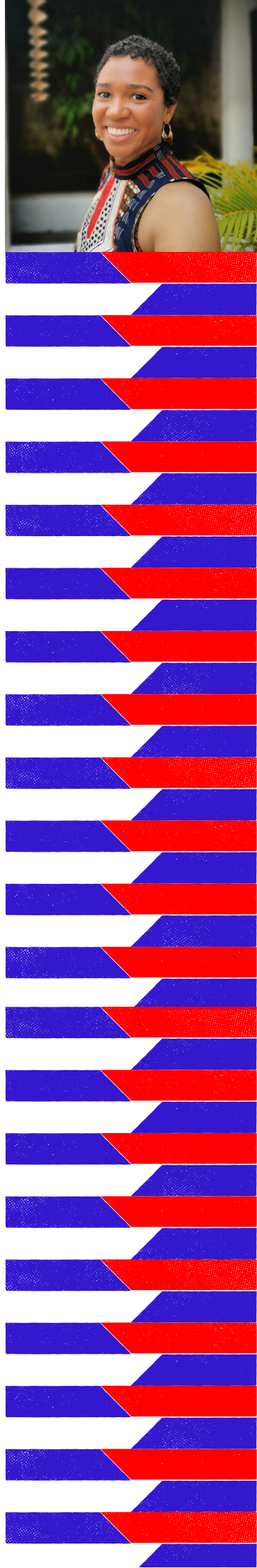
Sou aquela que em vez de agradecer, entristece por mais um dia.

MILITANTE SOLITÁRIA – uma mulher negra e gorda que está tão cansada das capitais, vida, das pessoas e de ser rechaçada, que preferiu não se identificar.

katucha bento

O dia em que descobriram que Beyonce é negra e capitalista

Katucha Bento Dra Katucha Bento é professora de Estudos de Raça e Descoloniais na Universidade de Edimburgo e atua em educação e pesquisa a partir dos prismas de Feminismos Negros, (Des) colonialidade, Estudos Críticos de Raça, Estudos Queer, Análise Retórica Crítica e pedagogias anti racistas na Educação. Ela é Diretora Associada do Network Race.ED, co-editora da “Revista Identidades: Estudos Globais em Cultura e Poder” e co-fundadora da Universidade Livre de Sociologia e Comunicação Afro-Brasileira (UNAFRO) e atua na co-liderança do no subcomite de Educação e Alcance do Grupo de Pessoas de Descendência Africana recém fundado nas Nações Unidas (UNPAD). Trabalha com uma abordagem interseccional sobre políticas de racialização, construções múltiplas de gênero, formações de nação e nacionalidade, migração, diáspora negra e economia afetiva.



“Se Angela Davis, anos atrás, afirmou que “radical simplesmente significa ‘agarrar as coisas da raiz’”, hoje ela, de forma bem sucinta, expõe sua verdade sobre o que é construir um movimento feminista que seja, de fato, radical e revolucionário em suas práticas: não compactuarmos com a exclusão, silenciamento e apagamento de mulheres que já sofrem com esse processo nas mãos do patriarcado, do racismo e da héterocisnormatividade.”

Angela Davis e sua verdade sobre o que é ser radical
Maria Clara Araújo⁵

Beyoncé tem sido criticada pelos mais diversos grupos, de brancos conservadores a feministas negras. Frente a tantos ultrajes, faço um protesto usando ingredientes do feminismo negro para contextualizar Super Bowl, Panteras Negras, Malcolm X, Black Lives Matter, Beyoncé e a minha noção de que corpo, emoção e capitalismo estão sempre envolvidos em toda essa história.

A última música da Beyoncé chamada “Formation” (Formação) causou um rebuliço na opinião pública. A letra da música já chega dando uma voadora, propondo um enfrentamento direto aos padrões brancos e o vídeo é ainda mais ousado com enaltecimento do cabelo afro de Blue Ivy (filha da cantora), carro da polícia afundando na alagada New Orleans, mas também com vestido Givenchy e jóias Roc.

Essa música foi levada à abertura do Super Bowl com coreografia e estilo típicos e esperados de Beyoncé. Quem se surpreendeu com a performance não entendeu nada do que a cantora é capaz (e digo isso com toda a parafernália problemática e glamourosa que vem junto). O impacto da carreira da Beyoncé interna-

5 Maria Clara Araújo é mestranda em Educação, na linha de Sociologia da Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo (USP), formada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e cursando a Especialización y Curso Internacional en Estudios Afrolatinoamericanos y Caribeños pela CLACSO/FLACSO. Possui o Certificado en Estudios Afrolatinoamericanos do Instituto de Investigaciones Afrolatinoamericanas de Harvard University. Integrante do EdGES: Grupo de Estudos de Gênero, Educação e Cultura Sexual, coordenado pela Profa Dra Cláudia Vianna (FE-USP) e Profa Dra Marília Carvalho (FE-USP) e do NIP: Núcleo Inanna de Pesquisa e Investigação de Teorias de Gênero, Sexualidades e Diferenças, coordenado pela Profa Dra Carla Cristina Garcia (PUC-SP).

cionalmente se apresentando em um Super Bowl traz uma nova atmosfera ao debate. Super Bowl é um campeonato de futebol americano e, para a comemoração do 50º aniversário do evento, a abertura de 2016 foi transmitida a 180 países em 25 idiomas: mais de 100 milhões de telespectadores! Entre outros cantores, Beyoncé fez uma performance que foi muito criticada pelo público negro, questionando a representatividade da comunidade negra mundialmente; e pelo público branco, por puro recalque, mesmo porque eles não entenderam nada do cunho político disso tudo e, para ser sincera, mesmo se entenderam, continuam fazendo críticas negativas e meu único interesse de ouvi-las é para rir, acenar e usar para construir argumentos feministas negros contra eles.

Nota relevante: Brancas e brancos, entendam: vocês precisam aprender o momento de ficarem quietos na hora de criticar os protestos da comunidade negra. Obrigada.

Beyoncé e as dançarinas que a acompanhavam estavam caracterizadas de Panteras Negras, formaram um “X” fazendo alusão a Malcolm X, todas com o cabelo afro solto. Imagens fortes!!

Ironias à parte, toda a produção desta apresentação não foi coincidência. O Partido Panteras Negras para Auto-Defesa (Black Panther Party for Self Defense) completa 50 anos de formação em Outubro deste ano. Uma das principais filosofias que inspiraram o Partido Panteras Negras foram os escritos de Malcolm X. Os uniformes das dançarinas foram baseados na vestimenta que os Panteras usavam. Nem preciso lembrar que essa roupa se tornou um marcador de diferença nas décadas de 60 e 70 nos Estados Unidos e negros foram assassinados (principalmente pela polícia) pelo simples fato de vestirem roupas pretas e boina. Após a apresentação, as dançarinas fizeram um protesto a favor do movimento Black Lives Matter (BLM – Vidas Negras Importam) pedindo justiça pela morte de mais um negro assassinado pela polícia com 20 tiros. O Movimento BLM foi criado por três mulheres queer e ficou conhecido no protesto contra o assassinato de Michael Brown pela polícia em Ferguson, EUA, 2014.

Todas as mensagens levantadas a partir da representação da Beyoncé incomodam. Além de problemáticas, são contraditórias. Os Panteras defendiam uma ideologia revolucionária de auto defesa contra o sistema imperialista estabelecido pelos brancos e imposto aos negros, treinamento acadêmico e físico (arma-

do) para se preparar a revolução. E a revolução só chegaria através da criação de um novo sistema, de uma nova sociedade, anti-capitalista inspirada em escritos comunistas. E isso nos leva à primeira contradição: o capitalismo. O Super Bowl, um show capitalista por si, considerando-se a movimentação e concentração de dinheiro que o futebol americano promove, os dirigentes, jogadores e artistas que se apresentam nas cerimônias do campeonato. Dentro desse contexto capitalista, Beyoncé se apresentou com dançarinas semi-nuas, mostrando o corpo, curvas e a forma de balançar a bunda, um estereótipo bem gasto na representatividade da mulher negra. Tudo isso vai contra os ideais dos Panteras Negras e o modelo hipersexualizado através do qual a mulher negra é representada na mídia.

Particularmente, acho esse debate muito interessante. Chegou a pegar fogo em uma conversa em que Janet Mock (transsexual negra e apresentadora do talk show chamado “So Popular!”) diz ter Beyoncé como um ícone importante para seu processo de liberação e bell hooks (feminista negra, cujo nome não é o seu de batismo, mas o nome de sua avó usado para assinar seus textos e atualmente o utiliza em todos os lugares. Sua grafia é em letra minúscula, forma de diferenciar do nome de sua avó e fazer repúdio aos padrões masculinos) rebate dizendo que Beyoncé é uma terrorista popular devido ao exemplo que dá para meninas negras. bell disse que a imagem da Beyoncé tem tanto glamour e fama porque ela é rica, caso contrário, seria apenas mais uma mulher negra semi nua tentando rebolar para ganhar algum.

Sim. Esse debate é interessante.

bell hooks é rainha e pode dizer quase tudo o que ela quiser. Ela me ensinou muitas coisas da minha vida pessoal, emocional e intelectual que me ajudaram a entender a mim mesma e meu universo de escrita. E é através dos ensinamentos de bell hooks que hoje vou contra esse argumento, porque não vejo onde está a novidade em chamar uma mulher negra de terrorista – esse foi o adjetivo usado pelo presidente Nixon para falar da militância da Angela Davis no Partido Panteras Negras. Já somos marginalizadas, criminalizadas, assassinadas e simplesmente não ajuda quando uma outra sister (feminista negra) demoniza e desmoraliza a outra. Simplesmente não ajuda. A crítica não precisa ir por essa via. Podemos questionar e debater as contradições das nossas interseccionalidades de uma outra forma.

O segundo ponto que quero destacar é a hipersexualização. Me preocupa que a galera, principalmente homens feministas (muito bem vindos, por sinal), veja a mulher negra de biquíni, nua, com decote apenas como um símbolo hipersexualizado. Que tal um outro olhar para a mulher negra para além de concentrar nos nossos quadris? Eles já foram hipersexualizados na senzala, pela indústria fonográfica, nos ambientes de trabalho e fora deles pela branquidade. Um olhar (decolonial) seria recolocar esses quadris em um outro contexto, com um novo olhar.

Quando falamos de agência, estamos falando do poder que a mulher tem sobre o seu próprio corpo e sua liberdade de decidir como usá-lo. Acredito plenamente que o processo de liberação tão clamado nas práticas e teorias feministas está ligado à forma em que o corpo é usado e como nossos discursos são envoltos pelas nossas emoções. A emoção de ser negra, feia para os padrões de beleza impostos, de ser parte de uma comunidade historicamente marginalizada, fazem parte das nossas formas de agir. A performance da Beyoncé leva a um outro nível esse ser sexy. E mesmo que a tua identidade de mulher negra não passe pela representação da Beyoncé na mídia, vejo cada vez mais garotas e mulheres negras em seu processo de liberação valorizando seus corpos, o nu, o decote. E com isso, os símbolos do nosso capitalismo: o batom colorido, o glitter, o sapato, as unhas. Tudo contextualizado com a importância de sentir-se bem, bonita, “empoderada”.

O corpo da Beyoncé incomoda por ter curvas dentro de um padrão aceito de beleza. Incomodaria se fosse um corpo tamanho G, incomodaria sem decotes, incomodaria de qualquer maneira porque é um corpo negro.

O terceiro ponto que quero abordar é sobre como o poder é centralizado. Por que a bunda, figurino e coreografia na apresentação da Beyoncé causaram tanto incômodo?

Bem, primeiro precisamos considerar que o ambiente do futebol americano estadunidense tem figurantes cheias de tetas com silicone, roupas curtas e decotadas, coreografias sexy. Entretanto, o papel de coadjuvante das líderes de torcida respeitam uma certa ordem de onde o poder é centralizado. Quando o entretenimento leva mensagem de protesto e foge ao padrão estabelecido, coloca os holofotes em outro tema e estremece as normativas. Isso coloca em risco

duas coisas fundamentais nos privilégios da branquidade e, nesse caso, dos brancos: quem escolhe a pauta do dia e o fato de que nem tudo é para e sobre eles. Assim, Beyoncé incomodou com sua negritude, sua feminilidade, o rebolado sexy, seu posicionamento político e seu cabelo afro.

Vamosalém, para incomodarem todos os níveis das nossas interseccionalidades.

Falemos então das nossas contradições. Desafio aqui uma pessoa que não tenha nenhuma contradição em suas interseccionalidades. Conheço ativistas do movimento negro socialista com projetos socialistas, mas que usam seus celulares para gravar seus vídeos no youtube de dentro dos seus carros. E aí? Vamos jogar tudo fora e desvalidar todos os seus projetos e feitos? E por que a Beyoncé é o alvo das críticas quando seu marido, Jay Z, fala nas letras de suas músicas sobre dinheiro, sexo em um estilo de gangster? Por que os homens negros do hip hop e o “swag” que eles representam relacionados ao crime, dinheiro e mulheres não são contestados e ridicularizados com tanta frequência? A minha primeira resposta, e talvez a mais óbvia, é que isso é o aceito e o esperado dos homens. A representação masculina não é meu objetivo aqui, mas serve para contrapor as razões pelas quais levam a Beyoncé a ser o alvo de críticas entre negras e brancas sobre suas performances.

A mensagem da Beyoncé em sua música pode não representar toda a população negra em termos performáticos (coreografia, figurino, maquiagem, local da apresentação). Sinceramente a minha identidade de mulher negra não passa pela Beyoncé: eu venho do samba. Mesmo considerando toda a música black (do jazz ao samba rock) como influência fundamental para a minha referência negra, confirmo que a Beyonce está lá, mas não protagonizando absolutamente nada importante para o meu processo de liberação. Por outro lado, sou consciente que ela será presença, modelo e referência para outras garotas negras que não teriam essa mesma oportunidade se tivessem crescido nas gerações anteriores a esta.

E por mais que Beyoncé não faça parte daquilo o que você escolhe como categorias de identidade, não há como negar que usar heróis negros para fazer uma performance em um dos maiores eventos esportivos do ano com alcance internacional falando de racismo foi f.o.d.a. E não porque Beyoncé canta uma música que provoca, usa a linguagem e a gíria local negra estadunidense, faz ironia aos estereótipos contra o povo negro, e manda um recado de apoio à comunidade negra.

Em nenhum desses aspectos Beyoncé está fazendo revolução. Mas a comunidade negra, pra quem ela politicamente dedicou essa performance, está! E eu estou revolucionariamente satisfeita pelo incômodo provocado. Estou revolucionariamente disposta a colocar as minhas contradições em jogo para incomodar em todos os espaços [brancos e capitalistas] que eu estou aprendendo a ocupar.

Vamos, garotas! Vamos nos colocar em formação.

A revolução será com as mulheres negras, ou não será.

ERRATA, 20/02/2016, 2310h: Como bem observou Amanda: Super Bowl é a final de um campeonato de futebol americano.



larissa santiago

**festa estranha com gente
esquisita: espaços seguros,
racismo e desapropriação cultural**

Larissa é baiana, feminista negra,
publicitária e militante.

“O LP “Reflexu’s da Mãe África” era profundamente politizado, potencialmente perigoso trazendo temas desde História, Segregação e Urbanismo. Era empoderamento chegando onde não chegavam os panfletos, as reuniões. Isso é revolução para além do tapete do apartamento, adentrando a sala de estar. Diz povão!!!”

E mara mara mara maravilha é: o grito da sumpremacia branca

Larissa Santiago e Charô Nunes⁶

Há muito tempo, várias de nós tem denunciado as festas, espaços, bares e sambas que tem se tornado lugares com a nossa música, nossa cultura, mas sem nos ter lá como consumidoras. Sim, porque as artistas, as dançarinas – ou seja todas as pessoas que são a “atração” podem ser negras, mas a nossa presença nos camarotes, nos banheiros e nas áreas comuns do show não são bem vindas.

Recentemente estive num baile muito conhecido da noite carioca. Num lugar da zona portuária da cidade, onde a maioria dos pretos vendia bebida na porta. Apesar de haver titubeado ir ao evento por outros motivos, entrei junto com mais outras companheiras. Queria poder dizer que amei ver a cantora preta que estava linda até o final e que me diverti muito dançando de me acabar, mas o racismo não deixou. Logo que cheguei na frente do palco, com apenas uma das companheiras e passei na frente de uma mulher (branca, claro) a mesma começou a me empurrar. Tentei perguntar se ela queria passar na minha frente, mas ela insistiu que eu deveria parar de dançar e continuou a me empurrar; estava tudo dito e então começamos a discutir, um homem se meteu e quando eu menos esperava os seguranças já tinham sido chamados, advinha pra quem? Para a preta barrequeira e favelada, como a branca havia se referido a mim todo o tempo, enquanto eu a chamava de racista.

Depois de passar mal com o episódio, comecei a me questionar: será mesmo que precisamos passar por isso SEMPRE que quisermos ir aos espaços onde estão cantores e artistas que queremos ver? Porque a branquitude acha que, apenas por estar em determinado lugar, isso o torna propriedade e posse das pessoas

6 Larissa é baiana, feminista negra, publicitária e militante. Charô Nunes escreve.

brancas? Devemos evitar certos espaços e nos preservar ou o enfrentamento e a ação direta precisa ser feita?

São de fato perguntas genuínas que ainda estão sem resposta, mas que também nos fizeram tomar uma iniciativa: pesquisar e entender o que significa desapropriação cultural, tomada de espaços pretos por pessoas brancas, espaços exclusivos e festas onde somos nós as protagonistas. Então, preparem-se pra mergulhar na investigação.REFERÊNCIA: Intelectuais negras visíveis: uma nação linda e preta

PEDRA DO SAL É BAILE DE FAVELA?

Aposto que muitas de vocês já ouviram falar em bares que remontam favelas, festas que utilizam Orixás como enfeite e outras que premiam pessoas que estejam “fantasiadas de pobre”.

I love Cafusu é uma dessas festas, que tem sucesso de público antes e durante carnaval do Recife. E a gente podia citar uma lista enorme de tantas outras que utilizam nossos símbolos, nossa música, mas que não estão preocupadas com a nossa presença – aliás, quanto mais longe melhor, vide os seguranças e vendedores de cerveja e água do lado de fora.

Algumas festas e iniciativas tem foco em públicos específicos, mas sem nenhuma preocupação a não ser o lucro: baladas que usam da linguagem e de estratégias meramente comerciais para atrair pessoas LGBTT, mas que na prática estão pouco preocupadas na não reprodução de racismo, homofobia ou transfobia. Quem nunca foi naquela festa recifense que usa o título de uma música baiana conhecida e presenciou cenas estúpidas de homens agarrando mulheres deliberadamente? A mesma festa que em suas redes sociais afirmou existir heterofobia e absurdos do gênero...

O que acontece é que a apropriação por conceitos, crenças e comportamentos ultrapassa o senso e esbarra numa lógica de “ganhar a todo custo” e desse modo organizadores pouco se preocupam em criar ambientes seguros, confortáveis e sem discriminação e preconceitos. É fácil fazer uma festa, colocar o nome de “Baile de Favela” tirando ela da própria favela e colocando uma cantora preta de sucesso para ser a atração. E aí, é justíssimo cobrar 100 reais – já que a festa é na zona “nobre” da cidade e impedir que pretos se sintam confortáveis caso

ousem adentrar tal espaço.

Até aí nenhuma novidade, não?

No texto Pedra do Sal – aqui se respeita o samba, Gabi Porfírio cita o importante trabalho da Pedagoga e Yalorixá Patrícia Alves, que fala sobre a cultura negra estar vivendo uma desapropriação cultural, onde querem as culturas negras sem os pobres, para o deleite fútil das elites. Ao que Patrícia diz:

“Há em curso um processo de desapropriação cultural dos pretos nos espaços negros; querem as culturas negras, sem pretas e pretos!”. Não é uma mera apropriação – ‘eu tomo e pronto; é meu!’ Ou um processo de universalização do acesso à cultura negra, ‘porque somos uma cultura mestiça’. Nada disso! É o desalojamento do negro da sua cultura.”

Nesse sentido, podemos inserir nessa discussão inclusive os outros acontecimentos recentes sobre as religiões de matriz africana, o uso ou não do turbante e etc. O que acontece é que esse processo que tem sim seu pé lá na globalização é capitaneado por algo mais: a colonização e a exploração dos povos ditos vulneráveis. Como projeto em curso, que figurativamente podemos ilustrar como um polvo com vários tentáculos, o pensamento-ação colonial toma pra si não só símbolos, mas elementos culturais inteiros, esvazia-os e os devolve em forma de produtos (e aqui entram as variáveis econômicas, sociais e culturais bem articuladas do velho e novo colonialismo, repaginado de globalização). Um bom nome para entender esse processo é o do professor Doutor Milton Santos, em seu adorável trabalho “Por uma Outra Globalização”.

Bom, entramos nesse assunto tão vasto e polêmico para dizer também que o uso das pautas e discursos das ditas minorias pode servir para o acúmulo de capital, para a difusão de uma “imagem inclusiva”: aqui me refiro a estabelecimentos, festas e bares que se dizem pró causas LGBTT, que são acolhedores e abertos, mas que na prática tem suas ações calcadas no racismo, na transfobia e no elitismo. Recentemente passei por mais uma situação de racismo com uma companheira num desses ambientes e como resposta, não houve nenhuma reatuação, nenhum diálogo: apenas a preocupação em não manchar a imagem do tal lugar – o que demonstra claramente um comportamento racista e elitista: “pouco importa o que digam e sintam essas clientes que estão denunciando, o

que preciso preservar é o meu patrimônio e minha imagem de bar LGBT inclusivo!”

O que está a baila, portanto, é um debate que também caberia aqui, mas que citarei somente para uma reflexão posterior: os movimentos precisam entender o que significa interseccionalidade e como aplicá-la na prática. Há tanto racismo e elitismo no movimento LGBTTT que tais opressões cegam pessoas, organizações, lugares. Não há como incluir e unir pautas sem reconhecer que, mesmo sendo gay ou sapatão você pode sim cometer racismo, transfobia. Então, esse debate precisa sair do feminismo negro e ganhar todos os espaços possíveis. Sim, porque só assim estaremos de fato agindo de maneira coerente.

RESISTIR OU SAIR

Depois do que me aconteceu no Rio de Janeiro e recentemente em Recife, uma reflexão que me acomete é sobre estar disposta ou não a frequentar lugares que não estão preocupados com a inclusão, com o respeito.

Será que precisaremos, nós mulheres negras, bissexuais e lésbicas, travestis e trans, andar sempre armadas, esperando a próxima agressão – caso escolhamos frequentar aquele bar, aquela festa “mista”? Ou nos restringiremos aos espaços criados exclusivamente para nós? Será sempre necessário estar pronta para o enfrentamento ou ainda nos manteremos sonsas sem prestar atenção nas violências destiladas a nós nesses espaços?

Há uma indagação sobre a segunda opção ser uma “guetificação”- a produção de espaços inversamente racistas [ou racistas reversos] e heterofóbicos. Essa me parece uma argumentação preenchida de falsa simetria. E aqui, utilizo um exemplo do qual eu gosto muito: pense numa pessoa branca (homem ou mulher). Quando será que essa pessoa se sente repelida, constrangida ou mal tratada ao transitar por lugares nobres e centros das cidades brasileiras?

Quando a ela são lançados olhares e expressões de inadequação? Posso imaginar que raramente... Já as pessoas negras são constrangidas e sofrem – o que passamos a nominar RACISMO – todos os dias. E justamente por isso, são afastadas, repelidas e empurradas para os outros espaços da cidade, da vida. Então a guetificação não fomos nós quem inventamos, não é a nossa lógica. A segregação não é nossa ideia e por isso a criação dos espaços exclusivos é resistência, é modo de

sobreviver e manter viva a esperança de melhorar uma sociedade racista.

Resistir ou sair vai depender do que se quer. Ficar numa festa ou num espaço que te agride é estar pronta pra ser levada carregada por um segurança, pra ser agredida violentamente com um racismo que bate no seu estômago. Sair é criar outros espaços, produzir outras lógicas outros pensamentos, aprender, beber de outras fontes – como a do pensamento africano de comunidade. E esses espaços já existem!

Espaço seguros ou gets de felicidade

É necessário falar que espaços exclusivos não são a novidade dessa geração. A segregação e a proibição do acesso a grupos que foram marginalizados é antiga e produziu milhares de manifestações, clubes e espaços que são aclamados hoje: para citar alguns, temos a maioria dos blocos afro que hoje imperam (com esforço e sacrifício) no carnaval de Salvador, por exemplo, na época em que negros não podiam sair nas agremiações nem mesmo penetrar os clubes de carnaval exclusivos das pessoas brancas. Assim como os blocos, os clubes para pessoas negras como o Renascença no Rio de Janeiro ou o Sociedade 13 de maio no Paraná.

As casas das tias baianas, as rodas de samba e tudo enfim fazem parte da luta histórica das pessoas negras nesse país. Então, não estamos de fato inventando a roda. São releituras, inspirações ancestrais, olhares para o passado ressignificando o presente.

Por isso, pensando em não somente denunciar, mas mostrar nossos lugares e o nosso jeito de fazer as coisas, trago entrevistas e opiniões inéditas de alguns desses movimentos, projetos e modos de felicidade que a cada dia mais se espalham pelo nosso território.

Um Baile Bom – Curitiba, Paraná

Brenda Maria contou sua experiência pela primeira vez às Blogueiras Negras no Latinidades, e desde então aquela frase não me sai do pensamento: “Eu digo que hoje nós vendemos 80% dos ingressos pra gente preta e 20% apenas pra brancos. Inverti a lógica”. A lógica de pensar num espaço acolhedor, inclusivo e respeitoso só podia vir das matrizes africanas: “eu tenho toda uma pegada

ancestral e cada vez tá vindo mais, aflorando. É como a gente desenha na nossa cabeça primeiro, né, mas eu enxergo o Baile como matriarcado, eu entendo ele como uma pequena África, entendo ele como um ritual urbano de união, onde a gente trabalha com a corporeidade pra acionar afetividades, sociabilidade. Tem uma questão lá da dance line, né? Acabou virando uma regra coletiva, não foi imposta pelo Baile, mas nasceu dos próprios frequentadores. É um espaço que tem que ser conquistado com respeito, mas antes de tudo, com legitimidade. Se não as pessoas viram as costas, não batem palma. É o nosso momento, nosso espaço, nossa hora!

Um Baile Bom se define como um movimento-festa-ato político de mobilização da comunidade negra de Curitiba e Região Metropolitana e completou seu primeiro ano em abril de 2016, tendo já recebido, até agora, um público estimado de 6.000 pessoas. Já imaginou isso numa capital onde a tv e os jornais esmagam a participação da população negra na construção daquele lugar? É de arrepiar!

Com sua experiência de mulher negra, Brenda junto com as pessoas que organizam o Um Baile, trazem os elementos africanos e quilombolas para dentro desta celebração, então não se trata de “racismo reverso” ou o que mais pessoas brancas queiram alegar; veja o que ela diz: “a coisa da lógica, eu pego isso no fundamento ancestral: quando você vai na casa dos outros, você não abre a geladeira logo de cara, né? Então você tem que saber como você se porta na casa dos outros. Você não bota o pé no sofá, né? Tem que saber como se comporta. Você é bem vindo? É. Pode vir? Pode vir! Só saiba na casa de quem você tá. Não é a sua casa e não é porque não é a sua casa que você não é bem vindo, entende? É tão óbvio...”

Entender essa lógica é pensar em como agregar e incluir sem que práticas racistas sejam mencionadas pelo outro como argumento destruidor, em que diz que há segregação. E Brenda completa: “Às vezes eu tento dar exemplo desses que não são raciais, tá ligado, pra pessoa entender o que é protagonismo. Veio um cara branco na página do Baile e perguntou “ah, acho tão legal, queria tanto ir num evento de vocês, mas é verdade que os brancos não são bem vindos?” – tive que explicar que esse é um boato desleal e que é uma coisa da hegemonia branca que não permite mesmo que espaços constituídos legitimamente por pessoas não-brancas sejam formados. E que sim, as pessoas todas são bem vindas, só que, no seu caso, você fica incomodado quando você vai num casamento, por exemplo, e você não recebe a mesma atenção que a noiva, ou o noivo ou a família dos

noivos? Se você fica, realmente você vai ficar incomodado no Baile. Entendeu? É simples! Você vai na festa, você é convidado, vai ser bem recebido, só que você não vai ter a mesma atenção”

Sendo assim, o Um Baile Bom continua sua empreitada com sucesso de público e crítica. Suas produtoras e toda a equipe – que também é preta – e frequentadoras seguem resistindo e entendendo que o fundamento de saber onde você chega e como você chega, faz parte da concepção, pensamento e ação no Um Baile. Em honra daquele espaço de 128 anos, o Um Baile Bom resiste.

Sarrada no Brejo

Ouvi falar pela primeira vez da Sarrada no Brejo num post da querida amiga e compa de luta, Jéssica Ipólito, o Gorda e Sapatão. A festa é organizada pela Coletiva Luana Barbosa – que possui nove mulheres negras lésbicas e bissexuais – concebida como um projeto a partir do antigo GT das Pretas que organizava a Caminhada de Lésbicas e Bissexuais de São Paulo. A festa surgiu por inúmeros motivos e um deles foi justamente “proporcionar um espaço seguro para as mulheres, principalmente mulheres negras lésbicas e bissexuais, poderem dançar, curtir e se namorar sem ter olhares escrotos de homens misóginos.” Foi o que nos contou Liz, uma das integrantes da Coletiva. “A Sarrada no brejo é uma festa exclusiva para mulheres, por isso tanto homens trans quanto homens cis e hétero, eles não entram. A gente deixa isso disponível até na divulgação... é um espaço procurado por eles, eles mandam mensagem na página perguntando se podem ir, se podem acompanhar e nós tivemos um pouco de problemas com relação a isso no começo, mas é isso: é um espaço apenas para mulheres. É um espaço procurado por mulheres brancas sim e elas também vão e que trás segurança pra elas sim.” – continuou Liz.

Além disso, um dos objetivos da festa é também arrecadar fundos para auxílio de mulheres negras lés-bi que sofrem violências e/ou estão em situação de vulnerabilidade. Dessa forma, a Sarrada no Brejo age como um projeto para além do espaço de felicidade a que se destina, trazendo para si os elementos de coletividade, luta e afetividade. A Coletiva proporciona rodas de conversa e isso tem auxiliado o debate sobre sexualidade, violência e formas de autonomia, ou seja, quando nós, mulheres negras, pensamos e agimos criando espaços seguros, o fazemos com outra lógica – de um jeito holístico e especial.

Formada por mulheres negras lésbicas e bissexuais, a Coletiva também tem uma forte presença de mulheres mães, que se preocupam com a acolhida de outras mulheres mães dentro da festa: “Quando eu entrei no feminismo, entrei por causa de ter sofrido uma agressão e fui acolhida por algumas mulheres, mas eu não fui acolhida como mãe. Fui recebida como uma mulher que tinha sofrido uma agressão, e infelizmente eu tenho essa concepção: o feminismo não abraça as mulheres mães, principalmente as mães solo. E a gente vê pelos atos, se você cuida do seu filho e não tem ninguém pra deixar, você não consegue ir porque você não vai colocar a vida do seu filho em risco”.

E nesse sentido, a Sarrada no Brejo tem uma preocupação legítima e que poderia ser copiada por todo o movimento feminista: a coletiva organiza uma creche que recebe as crias das mulheres que irão para a festa, onde as crianças são cuidadas até que suas mães voltem no dia seguinte.

Fernanda, também integrante da coletiva Luana Barbosa enfatiza: “funciona durante a festa num outro espaço, lógico que não é no meio da festa, numa casa próxima, nos arredores e as mães podem, sem pagar nada, deixar seus filhos lá das dez da noite às seis horas da manhã, com segurança, com alimentação e pode curtir a festa. Porque? Porque mulheres que são mães tem seus direitos violados, acesso a espaços culturais, direitos sociais violados... tem mães que chegam na gente e falam “meu filho tem três anos e eu nunca sai, eu nunca fui numa balada sem ter que pagar, tipo, muito pra alguém ter que ficar com meu filho, tendo que me humilhar pra minha mãe, pra algum parente, pra alguma amiga. Porque o feminismo é só venha a nós, vosso reino nada. Então a gente tem essa questão do Brejinho, na Sarrada, que é muito importante. Nosso foco também é o Brejinho e é muito daora, saber que tem mulheres que são mães e que podem deixar seus filhos tranquilamente nas festas e curtir a noite inteira de uma festa só com mulheres, além de segurança e de poder curtir a festa”.

Outra preocupação é a representação das mulheres negras: como a coletiva é formada por mulheres negras, a Sarrada no Brejo prima por parcerias e valorização do trabalho de outras mulheres negras: “desde fotos, as publicações no evento, modelos dos vídeos, dj’s, até as trabalhadoras que estão na festa são todas mulheres negras. As pessoas que organizam a festa são mulheres negras, as Dj’s são mulheres negras e a maioria do público são mulheres negras, então a gente não só foca na festa – a gente foca na saúde da mulher negra durante a divulgação

da festa, inclusive a gente fala de abuso entre as mulheres, fala de violência entre as mulheres, do “só posso sarrar em você se você me permitir” e a gente deixa bem claro que a gente não aceita lesbofobia dentro da festa, bifobia, racismo, transfobia, ou seja, ser mulher negra não te isenta de ser violenta ou zoada, saca?”

Percebe a interseccionalidade agindo aí? A preocupação da Coletiva na Sarrada do Brejo ultrapassa o discurso e produz um lugar seguro, que acolhe as mulheres negras e que nos mostra como é possível um espaço de felicidade conscientemente politizado.

Festa BAFRO

Realizada em Recife, a festa é uma iniciativa de três jovens pretos – Felipe Araújo, Pedro Andrade Leão e Gael Uno. “A festa surgiu da minha observação de perceber que em Recife não tinha festas voltadas pro público negro e cultura negra, especificamente. Já existiam festas deste tipo no Maranhão, em Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro. Festas que empoderassem os negros, que nos colocasse como foco, só que não existia aqui. E o fato de eu – falando eu porque fui eu quem começou, mas a festa é uma construção de todo mundo e várias pessoas, então eu por querer começar a produzir festas, ser Dj e gostar de música negra, imaginei um formato. E a BAFRO surgiu baseada nisso, mas também é diferente de todas as outras que existem nesses estados, porque a gente reuni moda, arte, cultura e música. A gente chama artesão negros do estado, escolhe artistas negros do mundo pra fazer exposição fotográfica e isso nos diferenciou das outras. Então posso dizer que não existe nenhuma festa como a BAFRO no país” – nos contou Felipe Araújo, nessa que foi sua primeira (de muitas) entrevistas.

O cuidado dos meninos em fazer um espaço seguro e de sociabilidade para os pretos (jovens e adultos) recifenses parte inclusive da escolha do dia e da hora da festa: a BAFRO é praticamente uma matinê, realizada sempre aos domingos a tarde, com ingressos que custam 10,00 reais. Isso é pensar no acesso, na inclusão e no protagonismo do povo preto.

“Essa é a maior prioridade, transformar o negro como protagonista em qualquer área do evento. Então, pra você expor na BAFRO, é necessário que você seja um artesão negro, porque o espaço é pra todos, mas a gente sabe pra quem

a festa é feita, quem é o principal ali naquele evento, como circula a energia ali: é uma energia preta mesmo e a gente quer pretos e pretas se amando, se divertindo. Mas isso não impede que outras pessoas compartilhem isso com a gente, porém elas precisam reconhecer e lembrar que os protagonistas somos nós, entendeu? Então do expositor a quem faz a música que vai ser tocada pelo DJ, a decoração em si, então tudo que é feito na BAFRO é feito para o negro seja protagonista, desde o início até o fim da festa... A festa, ela tem livre acesso, mas você precisa reconhecer onde você está, quem está na frente daquilo ali, que ali não é feito como mera decoração pra você se divertir. Ali tem várias coisas por trás, tem uma militância, aquilo ali tem uma luta.”

A BAFRO, assim como as festas citadas, reconhece que para a inclusão é preciso dar acesso, e por isso as diversas preocupações: “a gente sabe que nosso povo não tem acesso a muitas coisas, nos foi tirado o acesso de muitas coisas, então nosso público não é um público elitizado justamente porque sabemos da onde viemos. Daí a festa ser como uma matinê, pra você ir e voltar, pegar seu ônibus, pegar seus três quatro ônibus pra sair da sua casa, vim pra festa se divertir e voltar com segurança, com o pouco ou muito dinheiro que você tenha – a gente tenta diminuir o valor da entrada.”

Fica claro então como concebemos nossos espaços. Não excluimos o outro, não somos segregadores, mas a nossa prioridade sempre será um espaço onde possamos ser nós mesmos, sendo respeitadas e respeitados com a dignidade de pessoa humana que somos.

E lá vou eu meu amor, mas não vou só.

Já dizia um samba de roda do recôncavo! A luta pela dignidade passa por narrativas e ações antigas de liberdade, como sempre nos ensina a Professora Ana Flávia Magalhães. Toda a nossa empreitada é de resistência, todos os nossos esforços são pela nossa dignidade como povo, dissemos: COMO POVO. A coletividade precisa estar presente, justamente porque ela está na nossa filosofia de povo negro, afinal, como diz um provérbio africano: “é preciso uma aldeia inteira para cuidar de uma só criança”. E pensar em espaços seguros, de felicidade, sociabilidade e afetividade é pensar em grupo. Aí está toda a diferença! Porque a visão não é meramente ganhar dinheiro ou a diversão pela diversão, o mistério está em cantar aquela música de punho cerrado juntos, ou dançar James Brown repetindo

quase que como um mantra “I feel good”. Fazer passos iguais, entendo que os preto dança todo mundo igual, Aláfia!

Celebrar juntos faz parte do resistir!

Nesse texto investigativo há ainda desejo e espaço para colocar aqui as outras inúmeras festas que acontecem de norte a sul deste país: Don't Tocuh My Hair, Batekoo, Pandemônia, Caruru das Pretas. E se você, querida leitora, conhecer mais alguma, não hesite em nos apontar. Como propus no início do texto, continuaremos ocupando e denunciando os espaços que nos expulsam – em conjunto, de galera, coletivamente. Mas também mostraremos o que temos feito de bom – com falhas é claro, mas sempre na melhor das intenções – lugares carregados de memória e luta, num movimento sankofa sem fim. Existindo e Resistindo, nos espaços seguros e abarrotados de negritude e felicidade.



gabriela monteiro

**Esse roubo que não para ou
sobre nosso pacto de existir
e não morrer envenenadas
pelo projeto colonial**

**Gabriela Monteiro é negra, feminista,
nordestina e militante do Movimento da Mulher
Trabalhadora Rural do Nordeste (MMTR-NE).**

“O meu corpo ME questiona a todo tempo, nunca se dá por satisfeito. Reflete, pensa, escreve mas nunca encontra satisfação. Crise eterna. Horror puro. A razão que é ferramenta pra compreender esse sentimento também é inquietude e angústia. O saber que move e articula políticas de consciência, conhecimento e empoderamento coletivo também promove paralisia, terror e sabotamento. O saber é não saber e dúvida, reconhecimento de limitações muitas que talvez não estejam ainda possíveis de conclusões. O desprezo do racismo aliena e paralisa. O corpo que questiona sabe disso, mas frequentemente ele perece. Afinal, de que serve essas linhas quando eu mesma duvido que sei? Para onde vai esse refletir se não para um agir? E como agir? Porque e para quem? E se esse corpo em algum momento não me permitir mais ser alguém que questiona porque ele é um corpo feminino, negro, num mundo em que seu estar é frequentemente desvalido? Porque ele é um corpo que pode ser alvejado covardemente em uma rua qualquer e tombar cheio de projetos inconclusos.”

A intelectualidade como experiência

Winnie Bueno⁷

Há alguns anos minha irmã atravessava um momento delicado em sua vida e também imergia numa biografia de Malcolm X. É uma leitora voraz de biografias e todo mundo sabe a importância de um bom livro quando as coisas estão difíceis. Eu sou fã do Malcolm e por isso a tinha presenteado com esse livro. Gostava de ouvi-la tecendo comentários sobre a leitura, é uma mulher perspicaz. Mas ela costumava me criticar por dizer que eu tinha uma visão romantizada dele. Um dia minha irmã leu a seguinte fala dele: “Todas as mulheres são, por natureza, frágeis e fracas. São atraídas pelo homem, em quem enxergam a força”. Começamos a conversar sobre a relação dos homens negros conosco, mulheres negras, e em certo momento ela me acusou: “Você coloca raça na frente de gênero!”. Pensei um pouco em algumas das péssimas experiências que eu tinha tido com feministas brancas e terminei concordando com ela. É, eu fazia isso mesmo. Na verdade, eu ainda iria demorar a entender que, como Audre Lorde, sou negra e mulher e por isso “não posso me dar ao luxo de lutar por uma forma de opressão

7 Winnie Bueno é iyalorixá, escritora, doutoranda em Sociologia pela UFRGS, mestra em Direito pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, e bacharela em Direito pela UFPEL. Ativista dos movimentos feminista e negro, é desenvolvedora do projeto Winnieteca, uma rede de circulação de livros para pessoas negras.

apenas. E eu não posso tomar a liberdade de escolher entre as frentes nas quais devo batalhar contra essas forças de discriminação, onde quer que elas apareçam para me destruir”...

Mas os aprendizados chegam a galope. Recentemente estive num relacionamento romântico com um homem negro cis-hétero. Faço questão de enfatizar nessa história a presença do conceito do amor romântico, esse veneno burguês, que nos condiciona a naturalizar violências. De uns tempos pra cá tenho conversado com outras mulheres negras bissexuais e também com as lésbicas e héteras sobre essa nossa aspiração de viver um amor afrocentrado. E são muitas as narrativas das que caíram na armadilha de romantizar uma relação entre pessoas negras e se sentirem ainda mais vulneráveis, manipuladas pelos dispositivos discursivos dos abusadores. Me pergunto se afinal de contas nós fazemos ideia do que cargas d'água é esse amor afroncentrado sobre o qual estamos falando, ou se estamos construindo fantasias e pobres simulacros para justificar a velha e má colonialidade de sempre. Sonhamos simetrias de poder e somos arrastadas no lodo de relacionamentos abusivos. Paradoxal e contraditório? Sim. Infelizmente, também cotidiano. Nenhuma de nós está imune.

Minha Mestra, uma mulher que além de muita sabedoria, tem um senso de humor delicioso, me disse que eu sofria de “ingenuidade racial”. E aqui preciso reconhecer que todos os momentos de perda de ingenuidade em minha vida foram fundamentais, dolorosos e fecundos. Compreender que o mundo não é como nós gostaríamos que fosse é imprescindível para ter a lucidez de percebê-lo tal como está colocado. É o que nos permite aprofundar uma perspectiva mais ampla, a fim de construir as ferramentas do vir-a-ser. Basta olhar para nossa própria história, a perversidade colonial em nossas vidas. A desconfiança é mais que necessária, é sobrevivência. É triste e mesquinho ver que quaisquer signos de vantagem na sociedade cis-hétera-branca-cristã-capitalista são utilizados para se exercer contra: ‘Oprimos alguém, logo existo’. Nas categorias subalternas também se criam hierarquias internas de dominação, esquecemos de quem é o inimigo e começamos a lutar entre nós mesmxs para não sermos devoradas por outrxs do nosso próprio grupo.

Uma categoria oprimida não é uma categoria homogênea e estar situadx em um (ou vários) grupos informa a respeito dos lugares desiguais de onde partimos na disputa de poder e recursos. Estamos todxs às voltas com nossos conflitos e contradições, lidando com as lacunas entre nossa teoria e nossa prática. Mas isso não isenta ninguém do compromisso ético nem confere salvo conduto moral para

agredir outras pessoas. Afinal, somos sujeitxs, somos diversxs, e todos os dias (várias vezes por dia) temos a agência de tomar decisões e pautá-las nos valores que construímos. Tem pessoas que decidem lutar contra as opressões e tem pessoas que só lutam contra as opressões das quais não se beneficiam. É uma escolha muito pobre, e como se fosse possível alguma vitória não-precária para nós nessa lógica individualista... Mas nos alerta que nunca, mas nunca mesmo, devemos subestimar o espírito colonial das ratazanas, que pode ser assumido por quem menos esperamos.

Não é por acaso que o pensamento interseccional é uma epistemologia elaborada pelas mulheres negras. Desde a nossa posição, somos obrigadas a entender como a articulação das opressões opera de formas entrecruzadas, pois quaisquer refúgios nos binarismos reducionistas não nos cabem. Pelo contrário, a busca por uma solução fácil, um entendimento de mundo limitado, não é uma possibilidade para nós. Esta organização da sociedade que aí está não foi construída nem por nem para nós. Não existimos, estamos em outro lugar: no fim do mundo, sem moedas para negociar nesse sistema doentio. E é a partir desse não-lugar, de corpos e mentes desautorizadxs e desobedientes, que rompemos com o pacto da colonialidade. Afinal, quem é que se preocuparia com o ponto de vista do tapete que está sendo pisado? Pois é, pessoal, cá estamos. Como bem disse Lélia Gonzalez: “O lixo vai falar, e numa boa”.

Gosto tanto dessa frase, adorei quando a vi no início do livro da Djamila Ribeiro, *O que é lugar de fala?* (2017). Trabalho bonito e acessível, recomendo. Agora mesmo, enquanto escrevo esse texto, Djamila está sofrendo ataques na internet, muitos vindos de outrxs ativistxs negrxs. Aqui caberia muito a ser dito sobre possibilidades de divergir sem destruir e sobre o que entendemos por solidariedade racial, mas só quero trazer um pouco de uma experiência pessoal mesmo. Há alguns meses tive a oportunidade de conhecê-la e fiquei comovida com sua firmeza e sensibilidade. Sempre que conheço uma mulher negra que ganhou destaque e manteve uma caminhada coerente, manteve humildade, me sinto inspirada. Não é nem pela trajetória de realizações delas em si (isso também!), mas fico me perguntando como elas conseguem administrar emocionalmente essa posição. Já percebi que não precisa muito: qualquer cinquenta centavos de visibilidade nos joga numa arena de hostilidades mil. Afinal, é muito fácil dar tiro em mulher preta. Sobre Djamila e tantas outras que nos representam e carregam os legados da nossa ancestralidade, faço votos de que sempre encontrem saúde física, emocional, mental e espiritual – que nunca adoeçam das mazelas das ratazanas. Me sinto grata de me deparar com essas mulheres na travessia e

afirmar uma vida de saúde também para mim.

Para mim essas mulheres são uma expressão poderosa do que a Angela Davis fala sobre usar as diferenças como uma “fagulha criativa”, para “criar pontes de comunicação com pessoas de outros campos”. Aqui peço licença a Angela Davis para me debruçar sobre essa imagem tão bonita: acredito que podemos ao mesmo tempo ser e promover o sopro dessas fagulhas. Mais do que isso: podemos produzir imensas fogueiras coletivas, alimentar o calor criativo numa dimensão política. Historicamente, estamos sendo discriminadas e empurradas para zonas áridas de exclusão – inclusive afetivas. Não nos conformamos com essa sina e também não nos interessa esperar pela legitimação ou validade externa de nossas vidas, atos e pensamentos. Grada Kilomba cita Lola Young ao dizer que a mulher negra inevitavelmente “serve como Outro para Outros sem ter status suficiente de ter um Outro para si” (tradução minha). E bell hooks já havia dito: “somos o grupo que não foi socializado para assumir o papel de explorador/opressor, na medida em que não nos é permitido nenhum Outro institucionalizado que possamos explorar ou oprimir” (tradução minha). Ou seja, somos o Outro de todo mundo e não há Outro para nós – e na verdade nem nos interessa que haja, pois somos nós mesmas quem nos autorizamos ao incendiarmos as concepções dualistas e hierárquicas de relações.

Quem me conhece sabe que sou libriana e tenho uma inclinação incorrigível para a conciliação. Meus primeiros (e até segundos, terceiros etc) esforços são sempre no sentido do diálogo. E como são vários os recortes que nos atravessam, isso está relacionado com minha história: sou do interior e devo minha formação política às trabalhadoras rurais com quem milito há quase dez anos. Desde que estou no MMTR-NE, cometi inúmeros equívocos, desde declarações que reproduziam pérolas do senso comum, sem nenhum ou com pouco entendimento do que estava sendo reproduzido nelas, até o planejamento de atividades de formação meio tediosas e inadequadas, reflexos da minha trajetória de educação altamente institucionalizada. Se hoje posso revisitar meus próprios desacertos com tranquilidade, é porque sempre encontrei entre as trabalhadoras rurais acolhimento e compreensão: a possibilidade de olhar para um engano e vê-lo fértil de ensinamentos, vê-lo como um conteúdo tão digno quanto qualquer outro no exercício coletivo de aprofundar uma perspectiva e uma prática feminista. Ao longo dos anos junto às mulheres rurais, não sofri uma única experiência de humilhação: sempre fui respeitada nas muitas dimensões do meu ser, mesmo sem ter praticamente nenhum conhecimento sobre agricultura e estando entre mulheres que têm uma grande expertise no trato com a terra. Por ter me inserido no debate

político a partir dessa experiência, talvez eu tivesse uma visão romantizada também sobre o ativismo.

Foi só depois na minha vida, cursando uma pós-graduação pública e morando numa capital, que conheci essas expressões atualmente tão comuns de ativismo self made. Muitas pessoas que tem pouca ou nenhuma experiência de construir processos organizativos coletivos, exaltando discussões vaidosas em redes sociais e perseguindo a qualquer custo uma projeção e celebritização de si mesmas. A universidade está cheia delas. Longe de mim desqualificar quaisquer estratégias de resistência, mas é inegável que há um esvaziamento e individualismo no que parece ser a principal formação política de muita, muita gente. E é inclusive previsível que uma estrutura eurocêntrica como a academia permita (e até estimule) que a produção de conteúdo teórico dxs sujeitxs possa se dar de forma completamente desconectada de sua ação de mundo, numa competitividade desesperada, sob a cadência de sucessivos desrespeitos. O exemplo da academia é na verdade apenas um: o que não falta é ativista estrela, ativista com ótima retórica e reproduzindo comportamento semelhante a tudo aquilo que critica com tanta eloquência. Uma amiga brinca (mas nem tanto) que desistiu dos homens ‘desconstruídos’, vai procurar os conservadores de direita pra ver se encontra coerência. A gente se propõe a sentar e dialogar, mas a duras penas aprende que uma postura de abertura e escuta inevitavelmente encontrará limites. As marcas da colonialidade se manifestam em relações pautadas por lógicas extrativistas e irresponsáveis. E não há diálogo possível com quem quer te destruir.

Quem já saiu de uma relação abusiva sabe como é difícil falar sobre isso, repudiar o isolamento e o silenciamento a que somos empurradas. O escrutínio público é cruel e não mede forças para nos deslegitimar. Num geral, são muitos e diversos os estragos deixados em nossas vidas enquanto quem abusa segue isento, protegido pela cordialidade em torno da violência contra as mulheres. Sempre estive perto e ouvi relatos de mulheres que conseguiram romper com ciclos de abusos, alguns inimagináveis de tão violentos. E me tocava perceber que em suas narrativas há um momento em que elas chegavam ao limite e passavam a defender a elas mesmas, voltando a se reconhecer depois de períodos em que suas identidades estiveram difusas. Para nós, corpos racializados e dissidentes, ousar existir de outra forma que não como instrumentos para servir à articulação entre patriarcado, capitalismo, racismo e cis-heteronormatividade é uma afronta imperdoável a um sistema que nos quer objetificadas e submissas. E o processo de coisificação/mercantilização dos corpos “valora” as mulheres de

acordo com a leitura social dos códigos relacionados a estes corpos.

É possível observar um exemplo concreto dessa valoração a partir da leitura de um excelente artigo-resposta de Sueli Carneiro: *Gênero, raça e ascensão social* (1995). Ela vai elaborar com maestria uma contra-argumentação negra e feminista para um texto de Joel Rufino dos Santos, um homem negro, no qual ele explica que os negros que sobem na vida arranjam logo uma branca e de preferência loira, pois a branca é mais bonita que a negra, um símbolo de prosperidade: “Quem me conheceu dirigindo um Fusca e hoje me vê de Monza tem certeza de que já não sou um pé-rapado. O carro, como a mulher, é um signo”. Aqui pedimos que por favor considerem o período em que foi escrito o texto, pois os exemplos de marcas de carro estão um pouco ultrapassados. A misoginia no pensamento de Joel Rufino, por outro lado, segue atualíssima. As vantagens que um homem negro consegue alcançar nessa estrutura social são ínfimas, precárias. Ainda assim, encontram na objetificação das mulheres negras um lugar de “poder”. A feminista indiana Uma Narayan lembra que integrar um grupo oprimido não necessariamente leva o indivíduo a ter uma maior compreensão de questões relativas a um outro tipo de opressão: “Digamos que as circunstâncias históricas muitas vezes conspiraram para tornar homens da classe trabalhadora mais chauvinistas em algumas de suas atitudes do que outros. Às vezes, algum tipo de sofrimento pode simplesmente tornar os indivíduos insensíveis a outros tipos ou deixá-los sem energia para se interessarem pelos problemas de outros grupos”.

Na minha vida e na vida das mulheres negras com quem caminho, é inevitável nos depararmos com a problemática dolorosa de interromper os abusos contra nós ao mesmo tempo que contextualizamos os comportamentos e as categorias envolvidas. Isso demanda muito auto-controle, paciência, capacidade de empatia e percepção crítica. Tem que ter o couro curtido – mas não tem que ter sangue de barata. Quando por fim denunciemos injustiças, somos “loucas” ou estamos afundando em “auto-piedade”. Em minha história recente, foi um episódio de apropriação intelectual do meu ex abusador que me fez chegar no meu limite. Algo aparentemente pequeno, relativo a uma fantasia e bloco de carnaval. Mas nutro um grande carinho pelas minhas ideias, mesmo as despretensiosas. Minhas ideias, minhas palavras, meus projetos, são o meu manifesto: nelxs meto meu sangue e me expresso no mundo. E ninguém vai roubar a minha própria fagulha criativa nem construir visibilidade em cima dos meus ombros.

Depois que parei um pouco para pensar tive que admitir que não há enredo mais repetido do que esse. Isso não aconteceu “comigo”. O roubo não é exceção,

o roubo é a regra colonial. A apropriação, a exploração, a violência, conquista e o avanço sobre nossos corpos, mentes e territórios. A regra é arrancar tudo o possível, nos deixando sem recurso algum. E esse episódio por fim me motivou a sentar e escrever sobre apropriação de ideias e trabalhos de mulheres. Mas numa breve pesquisa, percebi que a dimensão dessa tarefa era imensa e este texto terminou seguindo por outros caminhos... Aproveito para agradecer às várias pessoas que me apoiaram nessa investigação inicial, trazendo tantas referências históricas de diversas áreas e muitos, muitos depoimentos pessoais. Precisei adiar esse projeto por entender a seriedade que uma pesquisa dessas pede, o que no momento me demanda recursos que não possuo. Fica o compromisso de desenvolvê-la, em parceria com várias outras “loucas” incrivelmente competentes que confiaram em mim para trazer relatos dos roubos que sofreram. bell hooks nos ajuda a enfrentar a desqualificação das nossas vozes: “sujeitas negras radicais são constantemente taxadas de loucas por aqueles que esperam minar nosso poder pessoal e nossa capacidade de influenciar os outros. Medo de ser visto como insana pode ser um fator importante para evitar que as mulheres negras expressem seus Eus mais radicais” (tradução do irmão Rafael de Queiroz). Máximo respeito por todas essas mulheres valentes, que me relembram que o silêncio não nos protegerá, como disse Audre Lorde.

Mergulhando nas reflexões dessas histórias, retornei à minha própria vida. E como ninguém aqui foi socializadx em Marte, em dado momento precisei me fazer a pergunta mais difícil: quando foi que eu mesma roubei? Foi duro perceber que não sei precisar onde reproduzo isso. Quem rouba, esquece. Quem é roubadx, perde um pedaço. Quem não tem, sente a falta. Olho ao redor e sei que sempre estive cercada de precariedades e violências, mas também de vantagens. Moro na favela, mas abro a torneira e tem água corrente. Já estive vezes suficientes em comunidades rurais no sertão nordestino pra saber a importância que isso tem. Essa é apenas uma, são tantas que mal enxergo, naturalizo. Lamento minha ignorância sobre tantos aspectos e se algo de valioso nasce a partir desses desrespeitos é me arrancar da compaixão “teórica” para me lançar a entender/mudar o mundo assumindo meu lugar de sujeitx éticx. Ninguém é inocente, todxs temos uma agenda, inclusive emocional. Acessar uma vantagem é acessar uma ferramenta e cabe a mim decidir se vou assumir responsabilidades ou deixar a sujeira para outrxs limparem. A questão é: partir dos nossos diferentes e desiguais pontos de partida, a que projeto vão servir as vantagens que eu/você conseguimos acessar?

Podemos nos recusar a caminhar na sarjeta, na avidez abjeta do roubo. A

mim não interessa desonrar a ancestralidade, deixo os restos às ratazanas. Estamos exaustas de roubos e silenciamentos, de sair estilhaçadas de espaços e relações violentas. Sou uma mulher e sou negra, quero existir com dignidade, não quero ter que matar para não morrer. Mas acontece que o negócio é o seguinte: se precisar matar, eu mato.

Referências:

- . Angela Davis, em As mulheres negras na construção de uma nova utopia (2011)**
- . Audre Lorde, em Não existe hierarquia de opressão (1983)**
- . bell hooks, em Shaping Feminist Theory (1984)**
- . Djamila Ribeiro, em O que é lugar de fala? (2017)**
- . Gabriela Monteiro, em Os homens que odeiam as mulheres (e o bem dito amor entre nós) (2016)**
- . Grada Kilomba, em Plantation Memories (2008)**
- . Manning Marable, em Malcolm X – Uma vida de reinvenções (2011)**
- . Sueli Carneiro, em Gênero, raça e ascensão social (1995)**
- . Uma Narayan, em O projeto de epistemologia feminista: perspectivas de uma feminista não-ocidental (1988)**

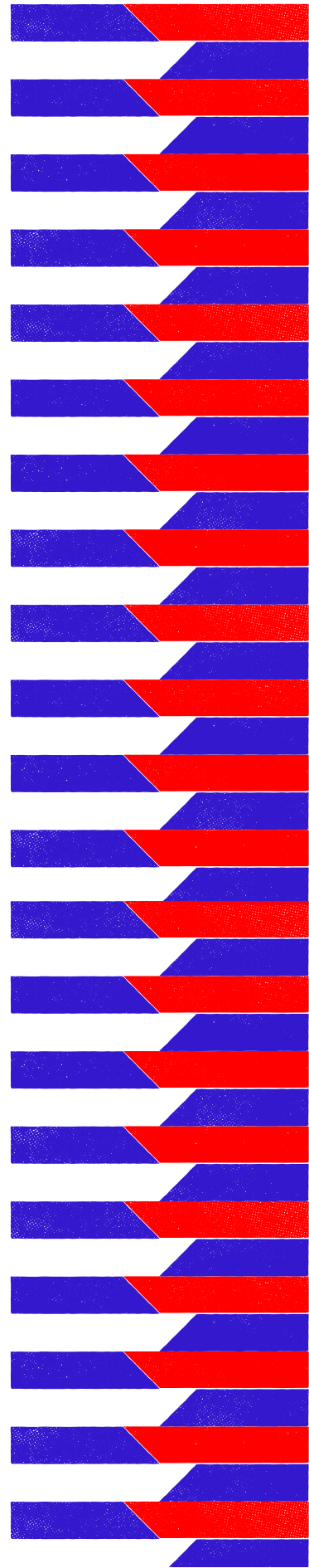
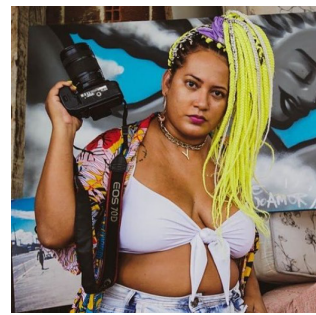
yane mendes

#21DiasDeAtivismo:

Não queremos virar semente

Yane Mendes, 29 anos, cineasta periférica da favela do Totó, em Recife, educadora social, coordenadora da Rede Tumulto - que promove articulação, comunicação e formação com periferias da cidade. Ela também faz parte da ANJF Articulação de Negras Jovens Feministas e constrói o MAPE Mulheres do Audiovisual de PE.

Utiliza a câmera como arma de transformação do mundo denunciando as violações de direitos e através de seus filmes traz inquietações sobre a valorização do território e dos moradores de periferias. Seu filme mais recente, realizado em 2020, se chama "A live delas" realizado com financiamento do Instituto Moreira Salles na série de filmes sobre a quarentena. Também exerce consultorias sobre estratégias de comunicação offline nos territórios.



"Nós somos mais que uma voz, um nome, uma figura pública. Somos muito mais que a representatividade oca articulada em pautas individualistas que não dão conta da dimensão política da trajetória de resistência das comunidades negras. Nós não precisamos de uma única voz feminista negra – como já apontava Collins antes de Adiche – que fale por nós e que se auto-proclame enquanto vanguarda revolucionária. O que está historicamente colocado para nós é uma atuação coletiva que nos possibilite autonomia política e emancipação social. Qualquer indivíduo negro só chega onde está porque é suportado por uma comunidade. A coletividade é um valor que afro-brasileiros herdaram de seus antepassados africanos e não pode ser engolido pela plasticidade e estética da representatividade moderna, que, sim, importa, mas não a qualquer custo."

Manifesto por um feminismo negro autônomo e coletivo

As coordenadas⁸

Ai eu te pergunto...

Tu quer morrer, para virar semente?

Eu juro que gostaria de perguntar para cada pessoa que romantiza a morte das minhas irmãs. Se elas trocariam de lugar com quem levou tiros no corpo para virar semente.

Essa semana, para muitas de nós mulheres negras e periféricas, foi bem difícil. Ver uma galera desfilando com adesivos de Marielle. Como se aquilo fizesse elxs serem anti-racistas. Como se aquilo anunciasse que as pessoas brancas se preocupam com as mortes das pessoas negras. É foda, porque na vida real fico imaginando quantos casos de assassinatos de mulheres acontecem a cada minuto na periferia. E será que essas pessoas se importam?

8 **Blogueiras Negras é um perfil coletivo composto pelas coordendedoras anuais de BN.**

Quantos adesivos vimos de Claudia, que foi arrastada pela pm há 5 anos atrás? Por que não vimos? Será que ela não era uma bandeira válida para muita gente?

Eu fico puta! E conversando com várias amigas, ficamos putas mermo. Com a romanização que muitos fazem do caso de Marielle. Dói, sabe? Por que poucas de nós, mulheres negras da favela de Recife, conhecia Marielle antes dela morrer. Isso talvez diga um pouco sobre a invisibilidade que temos quando estamos vivas. Como pode eu não ter nem escutado o nome de uma das mulheres mais foda, pelo que conheci depois de sua morte. sim ela era muito foda, Ela era uma planta viva. Mas não era interessante, para muitos, que essa planta viva fosse mostrada para outras mulheres negras se fortalecer.

São várias pessoas atualizando suas capas no Facebook, postagens no Insta, camisetas e outras coisas. Estão mostrando Marielle morta.

Enquanto você que cobra por “Quem matou Marielle?” já parou para pensar se na sua contribuição capitalista e racista, será que você não ajuda a matar várias outras todos os dias? Pois para mim, vejo Marielles muito além das mulheres que estão na política de partido. Para mim, vejo Marielles na casa dos outros, limpando chão. Vejo Marielles vendendo cachorro-quente, na rua. Vejo Marielles no sinal, vendendo água. Mas porquê essas você não vê?

Vamos parar de ser hipócritas! Ouço a galera falar do enredo da Mangueira, escola de samba. Sim, caraí, foi foda mermo! Enredo da porra! Mas porquê não vejo o mesmo alvoroço pela poesia de Adelaide, mulher preta que se garante fazendo o movimento no Trombone? Será que é porque ela está viva? Cadê a emoção pelas palavras da preta? Cadê a galera que anda ai emocionado com a letra da Mangueira comprando o Livro de Joy Thamires, mulher negra poeta marginal sapatão que escreve enredo de várias de nós da favela.

Para gente que se reconhece, de verdade estas duas e várias outras mulheres negras escrevem enredos que duram não só no carnaval, mas enredos que nos salvam no nosso dia a dia quando leio ou escuto elas.

As pessoas privilegiadas escolhem qual luta quer ter. Por quem lutar? Ou

na verdade, qual personagem que eles vão usar para ganhar carimbo de anti racista?

Parem, carai. De ficar por aí só falando de semente. Eu não quero que as minhas amigas, pretas fudas, virem sementes. Quero elas vivas, para colher os frutos das lutas diárias delas.

Marielle, eu queria ter conhecido viva. A morte dela me dá um recado: eu não posso passar despercebida. Eu não quero ser lembrada enquanto morta. Eu não quero que exaltem a minha morte, quero que exaltem a minha vida! A vida das minhas!

Por isso, afirmo aqui: estamos muito ligadas. Não vamos deixar que seja romantizada nossa morte. Não vamos passar pano para quem tira foto com plaquinha de Marielle, mas na vida, 24 horas por dia, apaga, entra na mente, humilha várias delas que estão espalhadas por aí.

Também queremos justiça, óbvio. Na verdade, vivemos, nessa sociedade, desejando que um dia essa palavra funcione, para quem é preta e nasceu na favela. Queremos saber quem fez isso com ela. E que pague por essa fuleragem! O mundo perdeu uma mulher foda, porra! O mundo perde mulheres fudas o tempo todo.

Ei feminista, mulheres ricas: a polícia que te dá bom dia, chuta a porta da casa das minha, então parem de dizer que nossas dores são iguais, parem! E os machos, então: parem de se passar! Os machos brancos principalmente, não achem que podem atulizar capa de facebook de Marielle: para! É feio e VIOLENTO.

Fico perguntando qual é o pior... uma morte de uma preta ser esquecida e ela virar número rapidinho. Ou uma morte de uma preta virar marca de roupa tipo C&A onde essa galera usa e abusa da gente viva e morta. Dói!

Minhas irmãs negras não vão precisar morrer para virar semente. Pois, elas já plantam sementes, desde de sempre.

Nos vejam, enquanto estamos vivas!

Nos divulguem, enquanto estamos vivas!

Falem de nós, enquanto estamos vivas!

PAREM de usar nosso corpo e imagem! Que já usam o tempo todo, até depois da morte. PAREM!

Isso não é um apelo, isso é um AVISO

Estamos de olho nessa galera escrota!



blogueiras negras

**#25WebNegras – Ori é o
nome da história**

Blogueiras Negras é um perfil coletivo composto
pelas coordendoras anuais de BN.

"O povo negro, maioria nacional, resistência e solidariedade diária que é a resposta a essa conjuntura de aumento do racismo e fascismo. Somos a chave que abre os portões da democracia e fecha as portei- ras do fascismo. A luta negra é uma força política que deve ser reconhecida como instrumento para construção de novos marcos democráticos em nosso País, novos marcos raciais. Mas estarão os brancos dispostos a serem menos nesse momento? Vamos ter a resposta em breve."

Cotas raciais nas eleições 2020

Ingrid Farias⁹

E ORI é a palavra mais oculta porque é o homem, sou EU. Porque é o indivíduo, a identidade. A identidade individual, coletiva, política, histórica. ORI é o novo nome da História do Brasil. ORI talvez seja o novo nome do Brasil. Este nome criado por nós, a grande massa de oprimidos, reprimidos. Reprimidos antes, depois oprimidos, torturados. Transgressores.

Beatriz Nascimento

Saudações

Muitas de nós crescemos ouvindo e praticando o respeito aos mais velhos, um dos princípios mais fundamentais das religiões de matriz africana, onde o pedido de bênção aos que vieram antes precede nossas ações e palavras. É costume também em nossos rituais e festas, que nos posicionarmos em roda para agradecer, dançar e louvar.

A pessoa mais velha fica ao lado daquela que é mais nova, em respeito que sinaliza o elo inquebrável que transforma a memória em ferramenta de construção da nossa autonomia. Na pessoa de Mãe Ana de Xangô, sucessora de Mãe Stella de Oxóssi no Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, saudamos assim as mães, nossas mães, aquelas que renascidas se dedicam a fazer nascer o mundo através de cada uma de nós.

⁹ Ingrid Farias é articuladora política de recursos e pessoas em defesa dos direitos humanos, pesquisadora em gênero, raça e política de drogas, é ativista da Rede Nacional de Feministas Antiproibicionistas e da Rede de Mulheres Negras de Pernambuco

A lista

A lista que a gente ama fazer começou ainda em 2013, com grande repercussão em toda a rede. E o que a gente disse desde a primeira vez ainda está valendo, « é como se cada nome representasse na verdade outras 50 mulheres. ». Em 2014, a construção foi feita à muitas mãos. Em 2015 a tarefa foi árdua mas prazerosa e recompensadora como sempre.

No ano seguinte, dedicamos nossas homenagens a presente Luiza Bairros, que ano senhoras. Em 2017 fizemos a nossa lista e nos encontramos no Latinidades, com muito amor. Obrigada Vilma Reis, foi inesquecível. Em 2018 falamos sobre os projetos de civilização das mulheres negras.

No ano passado, mantendo nosso jeitinho de fazer que vocês já conhecem, sem nos preocuparmos em ranquear as mulheres aqui celebradas ou fazer nossas escolhas a partir de números de visualizações e até mesmo por sua presença online, decidimos deixar um gostinho de quero mais em nossas postagens de final de ano, quando as #25WebNegras costumam ser publicadas.

A novidade dessa vez é o seu tema e a data de publicação, que não poderia ser outro que não hoje. Nesta edição queremos celebrar as mulheres negras que estão na linha de frente da luta Contra o Racismo Religioso.

E tem mais. Convidamos algumas mulheres para construir essa lista com a gente, tendo como ponto de partida a constatação de que nossas redes são como teias que se espriam em diversos tempos, territórios e nações.

Assim, agradecemos pelo trabalho e empenho em ampliar nossos olhares diante da complexidade que é ser uma mulher negra que professa e respira a vida nos terreiros em todo o país.

Motumbá Thiane Neves Barros, « afro-amazônica, paraense, afrorreligiosa » e doutoranda no Programa de Pós-Graduação Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia e autora, além de ter participado de nossa equipe de Coordenação.

Ahonukaka Vodunsi Patrícia de Obaluayê, filha de Mãe Kabeca de Xangô da Casa Fanti Ashanti no bairro do Anil em São Luís.

E a tantas outras mulheres e axé que contribuíram direta ou indiretamente para que conhecêssemos as matriarcas, as que guardam o segredo e o sagrado. As que conversam e preservam a memória da cultura de matriz africana no Brasil. Modupè!

2019 de fé e luta

No ano passado, também falando sobre o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, dissemos como « é o discurso que mata e a violência que fere em toda a sua institucionalidade nos âmbitos público e no privado, nas leis e nas conversas entre vizinhos » e têm como alvo nossa religião. Os números do ódio continuam alarmantes. Não há surpresas.

Mas a resistência teve um grande capítulo, e resposta às declarações racistas da organização internacional cristã Good Books for All Ships (GBA Ships) e a ONG Operação Mobilização (OM) que vieram no navio Logos Hope que abriga a maior livraria flutuante do mundo até a cidade de Salvador fazendo « pedidos de oração » uma vez que a cidade seria « conhecida pela crença das pessoas em espíritos e demônios ».

A voz dos tambores ecoou por todo o país, através de um ebó coletivo convocando a ampla comunidade pela Frente Makota Valdina contra o Racismo Religioso num « ato político que representa a determinação de lutar pela vida e dignidade do povo negro e das religiões de matriz africana neste país, numa referência à nossa capacidade de união e força, guiada pela Ancestralidade. »

« O demônio quem traz são vocês! A Bahia é de todos os Santos, encantos e Orisás! »

O ano de 2019 também bateu recorde de Casas de Axé depredadas, Filhos de Santo agredidos e lugares sagrados demonizados: iniciamos o ano com a Pedra de Xangô recebendo quilos de sal e encerramos o ano com casa de Recife e Brasília tendo seus santuários depredados e com Irôko pegando fogo.

E no intuito de não esquecer e sobretudo compartilhar com as nossas uma nova possibilidade e um novo lugar de resistência no Axé, escrevemos para dizer que sobreviveremos! Que as crianças continuam sendo iniciadas e que nossos Ilês continuam sendo preparados para receber mais dos nossos.

A nossa lista #25WebNegras então, se dedica a fazer conhecidas nossas lideranças no Axé, nossas Yàs, Mametos e Nochês, mulheres que mantêm os costumes e ideias da nossa cultura, para além da religião; as sábias das folhas e donas dos conhecimentos matemáticos de Ifá. Essa lista é também uma homenagem às nossas mais velhas que hoje são Ancestrais e que compartilham conosco seus conhecimentos desde o Orun. A elas, nosso compromisso de continuar!

À todas as mães, pedimos a bença!

#25WebNegras

01. Maria Genoveva Bonfim

Maria Genoveva Bonfim é um dos nomes fundamentais de sua nação, tendo assumido o comando da Nzo fundada por seu sacerdote no final da primeira década do século passado. Sua casa deu origem a algumas das mais renomadas casas do país como o Terreiro Tumba Junçara, o Terreiro Bate Folha, o Terreiro Tanuri Junçara, Terreiro Awziidi Junçara.

Sua casa, o Unzó Tombeci, em Salvador/Bahia, ficou conhecida durante seu reinado como “Cá te espero” em referência a uma placa colocada na porta da casa, advertindo as autoridades policiais sobre sua disposição de enfrentar a perseguição religiosa. Uma das histórias que permaneceram na tradição oral da casa foi o fato de que o delegado Pedro Gordilho, que ameaçava invadir a casa, foi tomado por Nkossi e nada pode fazer contra a sacerdotisa.

02. Mãe Anastácia

A trajetória de Anastácia Lúcia dos Santos (1869 – 1971) é de grande importância para o povo de santo. Nascida em Codó, foi iniciada por Manoel Teu Santo e fundou o Terreiro da Turquia em junho em 1889, homenageando a família do Almirante Balão. A casa permanece em atividade, no Maranhão, tendo comemorado 130 anos em 2019 como uma das mais antigas em atividade no estado. Seu legado foi estudado por Regina Célia de Lima e Silva em Da escrita à oralidade na encantaria do Terreiro da Turquia.

Por alguns anos a casa foi orientada por uma tríade de sacerdotes: Pai Euclides Menezes, Pai Wender Pinheiro e a Vodunsi Anamineles Menezes.

03. Mãe Xagui

Em 2016 Mãe Xagui completou 80 anos de iniciada, tendo assumido sua casa como matriarca em 1977. Celebrar essa sacerdotisa é reverenciar todos aqueles que lutaram e lutam ainda hoje para preservar as tradições afrobrasileiras num cenário historicamente adverso, pois sua trajetória espiritual se confunde com aquela das práticas Congo-Angola na Bahia e em todo país, inclusive com a de Mãe Maria Neném, fundadora do Terreiro Tumbeci, sediado no bairro de Pero Vaz, em Salvador. Ela é considerada como a filha mais velha de Oxoguiã no seu estado, orixá que alguns traduzem com seu inquite Lembá e ao vodum Lissá.

04. Mãe Meninazinha de Oxum

Mãe Meninazinha de Oxum foi indicada como herdeira de suas mais velhas ainda no ventre de sua mãe, Mariazinha de Nanã, no Rio de Janeiro. Em 2015 lançou um livro de memórias intitulado “História de uma Meninazinha – O legado ancestral” onde conta sobre a fundação do Ilê Omolu Oxum, falando inclusive sobre a necessidade de pedir autorização às autoridades policiais para cultuar seu sagrado em 1968: “Bambala diz que hoje as coisas estão melhores em relação a isso, mas veja que isso aconteceu, a nossa autorização, em 1968 e não foi há tanto tempo assim.”

Em 1987 sua casa abrigou o 1º Encontro Regional da Tradição dos Orixás, em 2012 o Encontro de Saúde e Promoção dos Direitos Humanos. No ano seguinte abrigou o Seminário Nacional Ancestralidade, Memória e Patrimônio Afro-brasileiro. Denuncia com veemência o ataque às religiões de matriz africana com seu testemunho sobre a perseguição policial e o fundamentalismo religioso.

05. Mãe Ana de Xangô

Ana Verônica Bispo dos Santos ou Mãe Ana de Xangô foi iniciada aos 23 anos por Mãe Stella de Oxóssi. Foi anunciada pelo babalorixá Balbino Daniel de Paula, o Obaràyí, como a sexta matriarca do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, com grande repercussão na imprensa no final de 2019. É pedagoga e leciona em uma escola particular em Salvador.

Em suas primeiras entrevistas foi considerada a “mãe do silêncio” por sua posição assertiva em tratar os assuntos internos da casa como discussões que

devem ser feitas apenas entre os filhos da casa: “Nem tudo se divulga”.

Mãe Ana de Xangô resgata e confirma os fundamentos do povo de santo da Bahia, no entendimento de que nossa ancestralidade age independente dos nossos quereres e saberes. Que sua liderança seja de discernimento e respeito!

06. Vó Luiza de Iemanjá

Vó Luiza de Iemanjá é a mais velha das sacerdotisas de religiões de matriz africana no país e guarda em sua memória e trajetória toda resistência necessária que tivemos de construir historicamente para cultuar nossos sagrados e encantos. Nascida numa sexta-feira santa, neta de africanos escravizados, lembra das histórias contadas por seu avô paterno, inclusive de como foi comercializado num porto em Moçambique. Foi iniciada por Manuel Fanho, responsável por sua formação como sacerdotisa em 1927 após ter sido Mãe Pequena na mesma casa.

Recentemente sua história foi documentada através de um depoimento gravado na Tenda Vovó Caximbi em Camboriú, Santa Catarina, para Umbanda: Vó Luiza, o filme. Para a sacerdotisa centenária o racismo persiste: “O que me chama a atenção é que a libertação dos escravos pela princesa Isabel deveria ter trazido a união, mas a discriminação continuou. Ainda hoje muitos dizem “Deus o livre, um negro casar com uma branca”.

07. Mãe Marcia de Obaluaye

Mãe Marcia de Obaluaye iniciou sua jornada em 1988 com uma relativa resistência sobre o caminho a ser seguido. E assim nasceria o Ilê Asé Oluayê Ni Oyá que acaba de completar 30 anos, no Rio de Janeiro. Foi porém um episódio de racismo religioso e sua com uma de suas filhas de santo que projetou seu nome para muitos em todo o país: “o diabo está em quem chama”. Mas a estória não parou por aqui. Algum tempo depois, sua projeção ganharia ainda mais vigor por conta de seu filho, o comediante Yuri Marçal. Hoje é possível através de suas redes acompanhar o cotidiano dessa sacerdotisa e fã fervorosa de Alcione para quem “a fé vem do coração, por isso não se ensina”.

08. Mãe Raidalva

Raidalva Silva Souza dos Santos ou Mãe Raidalva é a sacerdotisa que reina no

Ilê Axé Oyá Tola, em Candeias. Iniciada há 70 anos pelo babalorixá Raimundo da Cruz, festa que comemora em setembro deste ano. Seu sacerdócio abrange não apenas a sua casa de axé mas também a Associação dos Amigos do Ilê Axé Oyá Tolá que defende valores como saúde e educação junto à comunidade onde está inserida. A benção Yá Ijitundê!

As “Memórias de Mãe Raidalva” documenta a história dessa importante militante da luta dos povos de santo e de mulheres negras da Bahia. Vida longa, Minha Mãe.

09. Equede Sinhá

Gersonice Azevedo Brandão nasceu no ano de 1945 dentro do Ilê Axé Iyá Nassô Oká ou terreiro da Casa Branca, em Salvador, considerada o terreiro mais antigo do país, fundado em 1830 e atualmente sob os cuidados de Pai Air José, depois da morte de Mãe Tatá Oxum Tomilá, no ano passado. Alli, Gersonice se tornou a Equede Sinhá, cujas memórias se confundem com a história de sua casa e também do Brasil, tendo sido contadas na autobiografia “Equede – A Mãe de Todos”. Para essa mãe, o caminho contra a intolerância religiosa é a educação e o respeito. Porém a luta se faz necessária: “A gente não pode mais deixar que isso aconteça. Acho que está na hora de nós estarmos juntos e lutarmos pela mesma causa”.

10. Mãe Jaciara de Oxum

Mãe Jaciara de Oxum, nome pelo qual é reconhecida Jaciara Ribeiro dos Santos, é a sucessora no Ilê Axé Abassa de Ogum em Salvador. Este é um nome fundamental no combate ao racismo religioso no Brasil, uma vez que o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa foi instituído em memória do falecimento de sua mãe biológica, Mãe Gilda, morte essa motivada pelo ódio, tendo sua imagem atacada pela Folha Universal do Reino de Deus, com a matéria ‘Macumbeiros charlatões lesam o bolso e a vida de clientes’.

Apesar de a data trazer muita dor para a sacerdotisa, ela acredita que “a luta é sempre válida quando a gente acredita no amor”, Mãe Jaci segue incansável sempre com a sabedoria e os segredos de seu orixá: ““Sempre usei minha força de mulher negra oprimida e de Oxum, que, sendo da água, se tiver uma pedra no caminho, bate mas contorna.”

Sua benção, Mãe Jaci!

11. Yabasse Vera Baroni

Vera Regina Paula Baroni nasceu no Rio de Janeiro em 1945. Como muitas mulheres negras, procurou nos terreiros a fortaleza para compreender seu lugar político de mulher negra feminista e assim foi iniciada no segredo e se tornou Mãe da Cozinha do terreiro Ilê Obá Aganju Okaloya, conhecido como Terreiro de Mãe Amara, na periferia do Recife.

Ao construir em Pernambuco o Uiala Mukaji, espaço para mulheres negras, descobriu que muitas eram de terreiro. Mais tarde as mulheres desse grupo decidiram fortalecer a Rede de Mulheres de Terreiro, agora com braços na Bahia, Paraíba e Ceará. Em 2018 aconteceu o 12º Encontro das Mulheres de Terreiro na cidade de Recife ocasião em que a Yabassê declarou que “o futuro no Brasil nos parece preocupante. E nós especialmente das comunidades de terreiro, precisamos nos acautelar”.

12. Makota Valdina

Valdina de Oliveira Pinto ou Makota Valdina nasceu em Salvador, no ano de 1943. Foi iniciada no Terreiro Tanuri Junsara em 1975, onde foi confirmada para ocupar o cargo que exerceria no Terreiro Nzo Onimboyá. Publicou “Meu caminhar, meu viver”, um livro de memórias e foi a protagonista do documentário “Makota Valdina – Um jeito Negro de Ser e Viver”

Um dos grandes nomes no combate ao racismo religioso e uma fonte inegotável de filosofia africana, a Makota Inspirou a construção da Frente Nacional Makota Valdina que “se constitui como um fórum amplo de defesa das Religiões de Matriz Africana formada por redes, coletivos e organizações.” que se colocam em luta contra o racismo religioso e ódio.

A mulher de caminhar lento e palavras assertivas nos deixou em 2019, mas seu legado permanecerá para o povo de Axé da Bahia e do Brasil.

13. Onontochê Sandra de Xadantã

A Onontochê Sandra de Xadantã foi iniciada em 1984 pelo paraense radicado

em Diadema Toy Vodunnon Francelino de Shapannan. No ano passado foi agraciada com o título de Mestre da Cultura Popular. Em sua casa, o Kwe Mina Odan Axé Da-Hô, em São Paulo, são preservadas o Tambor de Crioula e o Bumba-boi do Maranhão.

Sua importância se dá sobretudo pela dedicação, delicadeza e apego às tradições com um olhar no futuro do Tambor de Mina que tem difundido no Sudeste, com o culto a voduns daomeanos e encantados, dando seguimento ao legado de seu sacerdote, reconhecido em todo Brasil por sua atuação política em favor das tradições de matriz africana.

14 . Gaiaku Luiza

Gaiaku Luiza Mahin, como foi conhecida Luiza Franquelina da Rocha, fundou um terreiro de tradição jeje-mahi na Bahia em 1952. O Hunkpame Ayíonó Hùntóloji. Sua trajetória foi contada no documentário Gaiaku Luiza: força e magia dis voduns.

Nasceu em Cachoeira em 1909, sendo iniciada tanto no Ketu quanto no Jeje-Mahi por sua tradição familiar. Viveu durante uma época em que a abolição ainda era recente e as tradições religiosas africanas foram intensamente perseguidas. Faleceu em 2005 indicando como sua sucessora sua sobrinha carnal Gaiakú Regina Avimajesì.

15. Vovó Cici

Vovó Cici como é chamada a Ebomi Cici ou Nanci de Souza Silva nasceu no Rio de Janeiro em 1939. É uma das maiores griôs do Brasil, tendo morado por mais de 30 anos no Ilê Axé Opô Aganju, em Salvador e colaborado com Pierre Verger no catálogo de mais de 11 mil fotografias que reúnem imagens excepcionais. É considerada patrimônio vivo da fundação do Fatumbi.

Para saber um pouco mais sobre essa figura fundamental no candomblé brasileiro, basta ficar atenta à sua agenda que cobre o Brasil todo com oficinas de contação de histórias e dança.

16. Mãe Beth de Oxum

Mãe Beth de Oxum ou Maria Elizabeth Santiago de Oliveira nasceu em Olinda em 1964. É a matriarca do Ilê Axé Oxum Karê, que organiza uma série de atividades como Coco de Umbigada. Tem um vasto currículo como percussionista e foi uma das primeiras a incluir mulheres no Afoxé Filhos de Oxum, onde foi presidente. Também presidiu o Afoxé Alafin Oyó. É grande entusiasta da cultura e das novas tecnologias como ferramentas de construção de indivíduos autônomos. Foi ela quem esteve à frente do game Contos de Ifá, um game educacional criado dentro de seu terreiro, premiado pelo mundo afora.

Apesar das perseguições ao seu terreiro e trabalho político, Mãe Beth continua carregando a bandeira da liberdade e da luta radical pelos direitos dos povos negros e de terreiro. “Tá na hora do pau comer”, ela grita.

17. Equede Cristiele França

Cristiele França dos Santos nasceu em 1994 em Salvador, sendo filiada ao Ilê Axé Oya Mesi, cuja matriarca é Mãe Carmem. Foi iniciada aos 9 anos de idade sendo consagrada como Ekedì. É radialista, trabalhando na Rádio Metrôpole de Salvador, com um programa voltado para as tradições de matriz africana. Também tem um canal no youtube, com a mesma temática “para ajudar a quebrar paradigmas e preconceitos sobre o legado ancestral.”

18. Egbonmy Conceição de Ogum

Falar sobre Egbonmy Conceição de Ogum ou Maria Conceição Casemiro dos Reis, paulistana e iniciada no Ilê Asé t'y Oya e Oxossi em 1973 pela matriarca Vera de Ossanha, é uma oportunidade para discutir a imprensa feita pelo povo de santo. Tem a coluna Rouxinol no Conexão Afro e escreveu no Jornal Umbanda e Candomblé por 10 anos, além dos periódicos A voz do Candomblé, Jornal Odara entre outros.

Integra a Coordenação Executiva do Intecab São Paulo, articulado com o Instituto Nacional da Tradição Afrobrasileira, tendo participado da construção do Informativo Siwaju, palavra que significa “cavaleiro que vai à frente”.

19. Ìyá Sandrali de Òsún

Sandrali de Campos Bueno ou Ìyá Sandrali de Òsún é a matriarca do Ilê

Àsé Orisá Yemanjá em Pelotas, praticante do Batuque há meio século. Também é “psicóloga, especialista em Criminologia, servidora pública e atualmente Secretária Executiva do Conselho do Povo de Terreiro do Estado do Rio Grande do Sul.”, tendo sido candidata a deputada estadual, documentada em seu canal no youtube.

Denuncia o descaso estado para com a população negra, enfatizando que “o estado do Rio Grande do Sul é o que mais se autodeclara de matriz africana, isso é significativo e tem que repercutir em termos de construção de políticas públicas.” ao mesmo tempo em que “é extremamente racista e machista, e não reconhece essa autodeclaração” que deveria implicar no projeto de políticas públicas.

20. Ekedji Joice Ty Sangó

A paulistana Ekedji Joice Ty Sangó como é chamada Joice Aguiar nasceu em 1990, é cantora e compositora. Explora as redes sociais como o youtube e o instagram para difundir cânticos sagrados, discutir e promover as religiões de matriz africana, sempre louvando nosso rei. Kaô Kabiecile!

21. Doné Conceição de Lissá

Maria da Conceição Cotta Baptista ou Doné Conceição de Lissá integra o movimento negro e estudou Direito e Psicologia. É a matriarca do Kwe Cejá Gbé, terreiro de tradição Jeje-Mahi localizado em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense e que foi criminosamente incendiado em 2014. Os ataques perduraram por anos desde o assédio e invasões até tiros disparados contra o terreiro e a casa da sacerdotisa.

Todas as ameaças foram registradas como intolerância religiosa. “Eu sempre fui muito firme com relação a essa questão. Soube de alguns casos que queriam investigar como injúria ou difamação, qualquer outro crime de menor potencial ofensivo. Mas eu fui muito firme, mesmo com relação aos tiros que a situação foi registrada como tentativa de homicídio, mesmo.”

No dia 19 de setembro, Mãe Conceição recebeu uma ligação da Defensoria Pública pedindo a ela o comparecimento na sede para dar prosseguimento às investigações. A religiosa disse que há interesse em manter a denúncia, mas que efetivamente não tem notícias sobre as investigações. Mãe Conceição afirma que

ela tem todo interesse em falar sobre o assunto, mesmo que seja muito difícil. Nas palavras dela: “Eu vou falar sim, mesmo que com o coração sangrando.”

22. Mãe Flavia Pinto

Flávia da Silva Pinto ou Mãe Flavia Pinto é uma das grandes lideranças contra o racismo religioso, nascida no Rio de Janeiro. É socióloga, ativista pelos direitos humanos, escritora e matriarca da Centro Espírita Casa do Perdão em Campo Grande, que tem mais de 20 anos de trabalhos dedicados à Umbanda. Foi candidata ao cargo de Deputada Federal nas eleições de 2018.

“Constitucionalmente o país é laico, mas faltam condições para que as diferentes correntes religiosas possam conviver em harmonia. Além disso, alguns grupos prevalecem inclusive no poder.”, denuncia a sacerdotisa ao refletir sobre a escravidão e a mentalidade colonial de parte da sociedade brasileira como causa da violência contra as religiões de matriz africana, entre elas a umbanda.

Foto: Reprodução Facebook

23. Mametu Muiandê

Uma das mais respeitadas mulheres de Axé de Minas Gerais, Mametu Muiandê como é conhecida Efigênia Maria da Conceição, é a matriarca do Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango há mais de quarenta anos. Nascida em Ouro Preto em 1947, ela construiu seu terreiro na Zona Leste de Belo Horizonte com muita luta e respeito, tendo iniciado centenas de filhos na nação Angola. Seu trabalho também é referência para a cultura afrobrasileira, através do samba e da capoeira, pelo qual recentemente recebeu em 2007 o reconhecimento de sua comunidade como remanescente de Quilombo.

Mametu Muiandê, como uma boa mulher de Matamba, tem compromisso com seu axé e sua comunidade com o Projeto Educacional Kizomba, estruturado principalmente em oficinas, que incluem capoeira, danças, penteados afro, maculelê, samba, uso de folhas medicinais, entre outras atividades baseadas em um saber que une os conhecimentos tradicionais a um processo de combate à intolerância religiosa e racial. Sobre a dedicação ao axé “É um “catar folhas” cotidiano”.

24. Mãe Kabeca de Xangô

Isabel Mesquita dos Santos reconhecida como Mãe Kabeca de Xangô é a matriarca da Casa Fanti Ashanti, fundada em 1958 por Pai Euclides Menezes, onde são tocados o Tambor de Mina e de Candomblé Jeje-Nagô, localizada no Cruzeiro do Anil, São Luís. Neste mês a sacerdotisa celebrou os 60 anos de vida dedicada ao sagrado, com grande alegria da comunidade.

Uma das tradições que se faz presente nessa casa é o Baião das Princesas, tambor marcado pela grande delicadeza e beleza. No ano passado, o terreiro realizou o primeiro Sarau do Axé, com o objetivo de contribuir para a preservação do conjunto arquitetônico da casa, considerado patrimônio da cultura afrobrasileira.

25. Mãe Beata de Iemanjá

Beatriz Moreira Costa ou Mãe Beata de Iemanjá, nascida no Recôncavo Baiano em 1931, reinou no Ilê Omi Oju Arô, na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. Participou do enfrentamento a diversas questões como a prevenção do câncer de mama e DSTs/HIV/Aids, a violência de gênero e de raça bem como o racismo religioso, tendo sido presidente de honra da Ong Criola.

Publicou em 1997 o livro Caroço de Dendê – a sabedoria dos terreiros e As histórias que minha avó contava em 2005: “Eu enfrento com a palavra. Eu luto com a fé e o amor”, declarou.

Mãe Beata foi pro Orum em maio de 2017, mas nos deixou em vídeo os ensinamentos mais lindos que o povo de axé pode ter. Obrigada pra sempre, Mãe das nossas cabeças!

Até o ano que vem!



juliana sankofa

O presidente é branco

Juliana Sankofa Pretativista, escritora e pesquisadora. Ativista antirracismo, pesquisadora de literatura preta brasileira, mestre em estudos literários pela UFJF. Além disso, é escritora fundadora da articulação literária nacional Pretas das Letras.

“Após quinhentos, outros tempos, quase nada mudou! O rio é de dor, encontro de sangue derramado, com lágrimas de mães em luto, afogadas! Tiro certo do preconceito, não é bala perdida, a direção é sempre pretos nas periferias, toda mãe teme, cruel destino, para seus amados filhos! Mas quem está sentindo? Se as balas já tem destino? Corpos-crianças, meninos estendidos, perfurados de balas! Quem matou os caras? Os inimigos! Que nos vê apenas como bandidos, os pretinhos. Toma cuidado, filho!”

Carta ao colonizador

Eli Odara Theodoro¹⁰

<http://blogueirasnegras.org/carta-ao-colonizador/>

Antes do senhor presidente vir falar de racismo reverso, quero dizer que se o racismo propriamente dito não existe, imagina o racismo reverso? Esse é impossível de acreditar, pois seria necessário que mudemos todo o contexto sócio-histórico que retroalimenta ideologias nas quais a maioria contribuem com suas interações com a sociedade. Nunca pensei que iria falar do BBB, já que seria mais fácil eu falar do BB, pois é o banco onde guardo meu pouco dinheiro e é falta de dinheiro que vem afetando grande parte da população nesta pandemia. Já tinham ranço antes, desde a vitória da Thelminha, não pessoalmente em relação a ela, mas pelo símbolo da preta tolerável que a mídia criou e a população engoliu sem nenhum esforço, enquanto o Babu era visto como seu oposto. Ah! Não nos esqueçamos de quem votou contra quem, desculpem-me todo texto tem brecha para uma discórdia.

E falando em texto, o primeiro BBB com metade de participantes pretos e o foco da galera naqueles corpos lidos como corpos-coletivos, isto é, se um é, todos são, excluindo desses corpos as características específicas e individuais que a branquitude resulta em si mesma quando é conveniente. Exemplos não faltam! “Veja isso, movimento negro?” Ainda, para piorar, as brancas nunca nos consideraram da luta feminista, sempre há um adjetivo na frente, feministas negras.

¹⁰ Eliana Theodoro Mulher é preta, feminista negra, antirracista, liderança quilombola, poeta, educadora social, atriz licencianda pela Universidade Federal da Bahia.

Agora, quando a Conká fala em nome do feminismo, se fosse branca seria fada, mas como é preta, é bruxa mesmo, “a bruxa do feminismo branco”, até do feminismo negro também. Não sei como isso aconteceu, é uma pessoa que eu não chamaria para o jantar, mas que eu lutaria de todas as formas para que os estereótipos racistas e os mecanismos do dispositivo de racialidade não afetassem a mesma do jeito violento de sempre, que nada pode justificar isso, nem o caráter peculiar dessa artista.

O BBB me fez lembrar do Holliday: primeiro porque ele contribuiria bem com a estratégia midiática de pseudo inclusão. Que pena que o mesmo não foi convidado, mas sabemos bem que todos os escolhidos para reality-show não são escolhidos à toa, não é porque mereceu, é porque algo interessa no espetáculo das raças que a rede Globo vem promovendo com sucesso e conquistando entretenimento, através do fortalecimento de ideologias dominantes e da manutenção da escrotoce branca na sociedade. Agora, todo preto ou preta deste país será julgado com outros rótulos: essa preta Lumena, essa preta Conká, esse preto Nnegro Di, por exemplo. E o Fiuk, tanto branco Fiuk por aí... e ninguém falou nada!

Outra coisa, por sermos seres humanos de pele preta numa sociedade racista, as pessoas esquecem que humanos erram, desvirtuam o que é bom, ou seja, fazemos cada coisa quando a ignorância em nós impera. Ser uma figura pública deve ser algo muito difícil. Ações desenvolvidas para agradar o reality show da vida real, simpatia forçada e, no caso de algumas figuras públicas, um discurso racial que promove a ideia falsa da democracia racial ao invés da decolonialidade de nossas práticas sociais e discursivas. Pleno 2021, temos um BBB com muita gente preta! E o ibope vai lá em cima, com certeza! E quem selecionou cada participante não selecionou por acaso, pensa só se iriam colocar todos os participantes negros como aqueles que atuam politicamente na luta antirracista para participar desse show que com certeza criará o perfil “negro ideal”, embora não haja ser humano ideal. Olhem a lógica do rolê!

Muitos podem achar que estou perdendo muito tempo com a Conká nesse texto, mas estou apenas explorando a tática, pelo avesso, da branquitude. Tal cantora é parte de uma coletividade, que sofre com determinadas mazelas da sociedade, um pouco alienada das questões referentes ao racial, por falta de leitura ou convívio com ativistas ou pessoas pretas com vivências de luta, talvez. Ela não deixa de ser um corpo preto, até mesmo quando os pretos começam a odiá-la. Lembremos, que muitos odeiam a Djamila Ribeiro, mas a branquitude a ovaciona com frequência, não estou dizendo que mulher preta é tudo igual, longe dessa óti-

ca racista, que Oxalá me livre disso. Estou dizendo que são corpos cujas posições na sociedade são distantes em termos de atuação, uma canta pop ou rap e a outras são intelectuais. Por que o Boninho não chamou a Djamila para participar do BBB? Indignada!

Enfim, um BBB com indivíduos negros com distintas personalidades e o público está preocupado com a reputação dos movimentos negros, que historicamente são bem amplos e possuem múltiplas formas de ação. Quando cada pessoa negra cujos posicionamentos absurdos viram problema da coletividade, ativistas negras(os) ou não, é o mesmo que produzir sutilmente novos, banhados de velhos, estereótipos: um deles, é de que preto não pode ser incoerente, porque é vergonhoso para os movimentos negros. Daqui uns dias, o Morgan Freeman estará recebendo em casa uma caixa de cartas de brasileiros falando como que pega mal, uma preta honrar a desvirtuosa humanidade que há nela. Acharia mais legal, se houvesse um mutirão para ir ao túmulo do Mandela amaldiçoar a Conká, que mal teria nisso?

No entanto, o branco se permite ser reconhecido publicamente como um ser individual, sem culpa do que uma coletividade branca e colonialista desencadeou no território, toda violência e extermínios culturais. Eu sentiria vergonha até de olhar para uma pessoa preta, se eu fosse branca e tivesse um passado coletivo desses. E o presidente, símbolo máximo de uma branquitude assumidamente escrota, mas que nunca virou motivo de “olha aí, branquitude, esse branco no poder”, e falando em poder, whitelândia, nem o populismo lhes tiram a afroconveniência racista.

Não assisto televisão, o motivo é óbvio até demais, isso bem antes da Rachel S. Então, nem tenho lugar de fala, né? E a rede social que virou puxadinho do BBB, lá tudo se vê, inclusive as interpretações racistas e brancocentricas. Ah, aquilo que nos cabe, que jamais andaria no recreio com pessoas com perfil da Conká, eu também não andaria, porque seria voadora de cinco em cinco segundos, para a criatura entender que o feminismo branco não nos representa e que nem ela, sozinha, faz uma luta negra, e da relevância de interagir entre os nossos como forma de aprimorar nosso modo de ação contra o racismo estrutural, algo que é enriquecedor.

E o Boninho... daqui a pouco vai ser reconhecido por promover a igualdade racial. Enfim, mais um especialista branco em gente preta revela-se no mundo! Ninguém pode falar mal dele! Entenderam? Se não, sinto muito!

Prazer, meu nome é Juliana Sankofa.

Sob o signo dos bons ventos

Charô Nunes

A data em que botamos os pés e as mãos no mundo para escrever a nossa estória costuma ser para algumas pessoas um dia de festa e celebração. Para nós Blogueiras Negras, sempre um momento de reflexão. Afinal, inspirar mulheres negras a contar suas próprias estórias é uma missão escrita em primeira pessoa do plural e do coletivo.

Abrimos as nossas portas no dia 08 de março de 2013 mas os trabalhos começaram algum tempo antes. A Blogagem Coletiva da Mulher Negra fundamentada na necessidade de pensarmos o debate feminista como arena de disputa na internet a partir de uma perspectiva étnico-racial, aconteceu ainda em novembro de 2012.

Esse livro é sobre essa trajetória que arvora quem pavimentou nossa caminhada, quem desejou que fôssemos cada vez mais longe, burilou códigos, textos e imagens, construiu uma rede de afeto e política. Quem deu apoio para que construíssemos essa grande morada para nossas escritas.

Ainda não é uma casa própria, afinal o debate sobre infraestrutura na internet trata sobre quem controla a informação e faz dinheiro com ela, mas sobretudo sobre quais ferramentas se usa para isso. Contudo, suas janelas se abrem para a outras janelas, de uma pequena vila onde moram nossas companheiras de luta, de vidas, de afetos, de comidinhas e até de sofrimentos.

Reunimos uma pequena parte de um todo ainda maior. Uma coleção que fala muito sobre os embates, as contradições e os obstáculos de estarmos reunidas enquanto mulheres negras em uma sociedade racista, que se irmana e acomoda em suas estruturas machistas, capitalistas e outras afins. Uma publicação para inspirar mais anos pra frente.

Um aprendizado necessário para as ações políticas da próxima década que se inicia e que já se mostra concreta, nua e desafiadora para nós que ainda estaremos por aqui completando 10 anos como Blogueiras Negras mas acima de tudo para vocês, que já começam a dar passadas largas como uma nova geração de pretas atentas e ciosas de seus direitos.

Que venham mais nove anos, regidos sob as forças do vento. Ano que vem tem muito mais.

2013

Tirem as mãos dos nossos símbolos de luta!

<http://blogueirasnegras.org/tirem-maos-simbolos-luta/>

A branquitude está nua

<http://blogueirasnegras.org/a-branquitude-esta-nua/>

2014

Por quais mulheres o feminismo radical luta?

<http://blogueirasnegras.org/por-quais-mulheres-o-feminismo-radical-luta/>

Ah branco, dá um tempo: carta aberta ao senhor Miguel Falabella

<http://blogueirasnegras.org/ah-branco-da-um-tempo-carta-aberta-ao-senhor-miguel-falabella/>

2015

Como se sente uma mulher negra e gorda demonizada pela sociedade

<http://blogueirasnegras.org/como-se-sente-uma-mulher-negra-gorda-e-demonizada-pela-sociedade/>

Colorismo, o que é e como funciona

<http://blogueirasnegras.org/colorismo-o-que-e-como-funciona/>

2016

O dia em que descobriram que Beyonce é negra e capitalista

<http://blogueirasnegras.org/o-dia-em-que-descobriram-que-beyonce-e-negra-e-capitalista/>

Angela Davis e sua verdade sobre o que é ser radical

<http://blogueirasnegras.org/angela-davis-e-a-sua-verdade-sobre-o-que-e-ser-radical/>

2017

Festa estranha com gente esquisita: espaços seguros, racismo e desapropriação cultural

<http://blogueirasnegras.org/festa-estranha-com-gente-esquisita-espacos-seguros-racismo-e-desapropriacao-cultural-parte-i/>

E mara mara mara maravilha é: o grito da supremacia branca

<http://blogueirasnegras.org/e-mara-mara-mara-maravilha-e-o-grito-da-supremacia-branca/>

2018

Esse roubo que não para ou sobre nosso pacto de existir e não morrer envenenadas pelo projeto colonial

<http://www.blogueirasnegras.org/esse-roubo-que-nao-para-ou-sobre-nosso-pacto-de-existir-e-nao-morrer-envenenadas-pelo-projeto-colonial/>

A intelectualidade como experiência

<http://www.blogueirasnegras.org/intelectualidade-como-experiencia/>

2019

#21DiasDeAtivismo: Não queremos virar semente

<http://www.blogueirasnegras.org/21diasdeativismo-nao-queremos-virar-semente/>

Manifesto por um feminismo negro autônomo e coletivo

<http://blogueirasnegras.org/manifesto-por-um-feminismo-negro-autonomo-e-coletivo/>

2020

Ori é o nome da história

<http://blogueirasnegras.org/25webnegras-ori-e-o-novo-nome-da-historia>

Cotas raciais nas eleições 2020

<http://www.blogueirasnegras.org/cotas-raciais-nas-eleicoes-2020>

2021

O Presidente é branco, que vergonha, hein branquitude!

<http://blogueirasnegras.org/o-presidente-e-branco/>

Carta ao colonizador

<http://blogueirasnegras.org/carta-ao-colonizador//>

Em 2021, as Blogueiras Negras completam 9 anos. Para marcar essa comemoração, e dentro do Projeto Autonomia e Memória, desenvolvido desde 2020, apresentamos o livro "9 anos registrando mulheres negras". É a primeira publicação impressa de Blogueiras Negras, que compila os nove textos mais lidos e mais relevantes politicamente para a história do coletivo, articulados com outros nove trechos de narrativas publicadas em BN. Além do marco temporal, BN deseja rearticular a comunidade de autoras aproximando-as e despertando o desejo de escrita em Blogueiras Negras e, conseqüentemente, fortalecendo a escrita de mulheres negras na internet.

Nossos agradecimentos às autoras que responderam de forma tão rápida a esse chamado, à Fundação Heinrich Böll e a Odara - Instituto da Mulher Negra que, cada qual a seu modo, contribuiu com essa realização.

